



a chama

UMA REVISTA A SERVIÇO DA ESPERANÇA



Dia 27 de setembro, Missa solene de Ação de Graças pelo Jubileu de Prata do Colégio São Vicente. Ad multos annos, garoto! (pág. 21-28).

EDIÇÃO ESPECIAL DOS 25 ANOS



Fundador do Colégio São Vicente e seu primeiro Diretor, Padre Horta o caracterizou com seu espírito jovem e pioneiro. (pág. 14-19)



O Presidente Juscelino ocupa um lugar de destaque entre os Ex-Alunos dos Educadores que criaram o Colégio São Vicente. (pág. 12-13).

CARTAS

■ Neste ano em que o Colégio São Vicente de Paulo comemora os seus 25 anos de existência e funcionamento, julgo de meu dever enviar-lhe minha mensagem de congratulações e estímulo.

Durante nove anos conheci de perto o nosso querido "São Vicente", vi-o crescer e pioneiramente optar por uma decidida Educação Libertadora, na linha de Medellín e Puebla, de acordo com as nossas necessidades latino-americanas.

Empenhado também eu, em plena Amazônia, num trabalho pastoral de Evangelização Libertadora que visa arrancar o nosso caboclo do seu crônico subdesenvolvimento espiritual e material e, pela conscientização, libertá-lo das opressões de uma estrutura injusta, — pareceria, à primeira vista, que militaríamos em campos opostos, já que você dirige um grande Colégio, voltado prevalentemente para a educação da "juventude dourada" de classe alta... No entanto, parece-me, os nossos objetivos e ideais convergem para a mesma meta comum que é o esforço e a tentativa de construir ou de lançar os alicerces de uma nova sociedade: mais justa, mais igualitária, mais cristã e humana.

E, nessa linha, tendo partido do zero, 25 anos atrás, o "São Vicente" foi crescendo e se impondo entre os grandes Colégios do Rio e mesmo do Brasil, conforme o atestou alentada reportagem da revista VEJA, no ano passado...

Toda obra desse porte passa sempre por momentos de dificuldades, incompreensões e crises, e o "São Vicente" não foi exceção... Mas as crises são enriquecedoras, quando se tem estrutura e alicerce para suportar os seus abalos. E, por isso, está hoje aí o "São Vicente" firme e pujante, comemorando os seus 25 anos de fundação e funcionamento! Parabéns portanto ao "São Vicente" e longa vida e sucesso constante!

Prezado Pe. Lauro Palú, aproveito também esta oportunidade para parabenizá-lo pessoalmente pela orientação sábia e segura com que vem dirigindo o "São Vicente", estendendo as minhas congratulações aos Coirmãos que com você colaboram, a todo o Corpo Professoral, aos dedicados Funcionários e à benemérita e eficiente Associação de Pais e Mestres. Também à Direção da Província Brasileira da Congregação da Missão, que é a entidade mantenedora, e que sempre soube compreender, incentivar e apoiar o Colégio, principalmente nos seus momentos mais difíceis, desejo apresentar as minhas congratulações e aplausos.

Que São Vicente de Paulo, nosso patrono e protetor, abençoe sempre este nosso Colégio e o faça cada vez

melhor cumprir a sua missão de bem formar os nossos dirigentes de amanhã, são os votos efusivos deste seu coirmão e amigo que muito o admira e estima, D. José Elias Chaves, C.M., Bispo da Prelazia de Cametá.

● No Editorial de A CHAMA nº 42, o senhor diz: "Começar o mês de agosto é pôr-nos em estado de revisão do que somos e fazemos."

Essas palavras, denunciadoras do seu firme e sincero desejo de acertar no trabalho que vem realizando no São Vicente, estão de acordo com o resultado muito positivo da reunião de Pais de Alunos da 8ª série, realizada no dia 28 de agosto último, em que, juntos, Pais, Filhos e Professores, debatemos os problemas e as propostas de interesse comum.

É de justiça ressaltar o esforço e o espírito aberto da coordenadora Nina Maria Cunha, atendendo a uma solicitação nossa e de nossos Filhos, da participação destes em nossas reuniões, pedido este feito anteriormente ao Colégio.

Nesse encontro, o mais construtivo a que já assisti nos sete anos em que convivo com o São Vicente, nós, Pais, tivemos a debater e a refletir conosco e com seus Professores, discorrendo e analisando as situações com muita lucidez e bom senso, os Representantes de Turmas de 8ª série e seus colegas do Grêmio Ginásial.

É promissor e, acima de tudo, libertador, que, de agora em diante, as reuniões de Pais sejam reuniões de Pais/Filhos/Colégio.

Regina M. B. Nascimento.

● Agradecida pelo convite, envio-lhes os meus cumprimentos, extensivos à sua comunidade pelo transcurso dos 25 anos dedicados à Educação Cristã Brasileira.

Que o nosso Bom Deus abençoe esta comunidade para o prosseguimento desta bela missão.

Myrthes Bacha

● Recebi ontem o nº 42 de "A CHAMA", revista que nos permite acompanhar o trabalho dos coirmãos no Colégio. Agradecendo, felicito a direção do Colégio por sua ação educadora da juventude, tão carente de quem a guie no caminho certo. Achei interessante a espontaneidade das crianças, por exemplo: "Eu vi um monte de igrejas e um monte de museus."

Dom José Lázaro Neves, Bispo (emérito) de Assis, SP.

● Tendo o Regional Leste-1 recebido o convite para as comemorações dos 25 anos do Colégio S. Vicente, com a programação de palestras e painéis sobre temas importantes na formação das novas gerações, venho agradecer o honroso convite recebido.

Não podendo estar presente, no entanto desejo pleno êxito no programa

elaborado e faço votos de que os sacerdotes de S. Vicente de Paulo continuem no apostolado que o Santo Fundador lhes apontou e inspira.

Cônego Amaro Cavalcanti de Albuquerque, Secretário Regional Leste-1 da CNBB

● Saudamos Comunidade Colégio São Vicente Bodas de Prata bênção do Senhor pt. Marista (Rio de Janeiro)

● Parabenizamos pelos 25 anos e desejamos sucesso duradouro pt. Direção Colégio Integração Nossa Senhora das Graças (Campos, RJ)

● Quero expressar sentimentos de contentamento e alegre saudosismo com recebimento convite para festividades comemorativas vinte e cinco anos fundação com o dia do Ex-aluno pt motivos profissionais impedem comparecimento pt saudações

Sérgio Luiz L. Teixeira

● Parabéns Jubileu Prata Colégio S. Vicente. Votos sucesso permanente.

Edméa Mello

Rancho Santa Mônica

● Parabéns passagem 25 anos pt Sucesso crescente

José Luiz Moreira Família

● Participamos alegrias dia Patrono e 25 anos Colégio pedimos São Vicente generosas bênçãos religiosos Lazaristas e Comunidade Educativa Amigos. Maria Angélica e Wander

● Parabéns Jubileu Prata Saudações Belair

● Abraço todos que contribuíram tão linda realização envio votos prosperidade pt

Clarice Gentil Marcondes Netto

● Parabéns toda Equipe brilhante ação educadora realizada pt Escola Barciela

● Envio abraços dia Santo Fundador Família Vicentina estima amizade.

Pe. Victor Badieracchi

● Agradeço gentileza convite lamentando impossibilidade comparecimento e envio meus cumprimentos passagem aniversário Colégio São Vicente de Paulo. Cordialmente

Ana Maria Roiter Relações Públicas Rede Globo de Televisão

● Impossibilitados comparecer enviamos nossas saudações aniversário São Vicente

Cecília e Carlos Eduardo Bosisio

● Unidos celebração ação de graças 25 anos de lutas e vitórias

Família Saade e Montenegro

● Não podendo comparecer à missa comemorativa dos 25 anos, pedimos a Deus que continue iluminando o Colégio São Vicente na difícil e nobre missão de se dedicar à educação dos jovens

Cristiano, Alexandre, Sueli e Luiz Lara Resende

a chama

Rua Cosme Velho, 241
Tel.: 205-0796 —
CEP 22241
Rio de Janeiro — RJ

CONSELHO EDITORIAL
Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

DIRETOR RESPONSÁVEL
Padre Lauro Palú, C.M.

REDAÇÃO
Thaís A. Oswald,
Regina e Damião Nascimento

FOTOGRAFIA
Francisco Nélon,
Damião Nascimento,
Pe. Domingos Faria,
João Carlos Gomes,
Genísio da Silva

ARTE
Laerte Moraes Gomes
David José M. Lacerda

Assistentes: Eduardo de Souza Coutinho,
Maril Avilez e
Oswaldo Azevedo

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eneida de Góes

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
JBIG — Indústrias Gráficas Ltda.

CIRCULAÇÃO DIRIGIDA
Tiragem: 5.000 exemplares

■ Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores. Aceitamos permuta com publicação do gênero.

EDITORIAL

1. Estamos chegando às mãos dos Alunos, Pais, Professores, Funcionários, Ex-Alunos e Amigos, com um número especial, com que desejamos comemorar os 25 anos do nosso querido Colégio São Vicente de Paulo.

Desde o início, março de 1959, até hoje, este Colégio percorreu uma trajetória gloriosa, cheia de muitíssima coisa boa, que devemos a um verdadeiro batalhão de Amigos, que são os Pedreiros que ergueram a Casa, o Arquiteto que a projetou, o Engenheiro que a ergueu, os Alunos que a povoaram de seus sonhos, todos vocês, sem exceção.

Neste número, quisemos recuperar um tanto dessa memória feliz. Por isto, situamos o Colégio no contexto amplo do trabalho dos Padres Lazaristas no mundo inteiro e na tradição do seu apostolado no Brasil (desde 1820). Entrevistamos os Ex-Diretores, alguns Professores e Funcionários, Ex-Alunos e Alunos, para colher de cada um os aspectos que darão uma visão mais completa e adequada do São Vicente.

Outra dimensão deste número é a reflexão sobre o projeto educacional do Colégio, que aparece, em texto específico, doutrinal, e também no calor de uma entrevista, na composição de um grupo fotografado, no tipo de uma brincadeira que divulgamos, transparece de toda a vida aqui referida.

E ainda temos os propósitos para o futuro, as lacunas a preencher, a consciência dos desafios enormes do presente e do futuro, que a experiência do passado, sozinha, ainda não é capaz de enfrentar.

Mas tudo isto está presente nesta edição como esteve forte na Missa do dia 27 de setembro, com que comemoramos oficialmente a festa de nosso Patrono e do nosso Colégio. É sobretudo isto que desejamos fazer neste número de A CHAMA: uma celebração da alegria por tudo o que já fizemos — uma celebração da esperança de conseguir sempre mais, de fazer sempre melhor — uma celebração do triunfo final, antecipado em cada coisa bem feita, em cada sonho bonito, em todos os momentos da nossa luta, da convivência feliz com todos vocês, em todas as oportunidades de lhes querer bem, de lhes fazer bem, de ser ajudados por todos.

Boa parte deste número são as reportagens das festas deste segundo semestre. A alegria das Crianças, as propostas dos Professores, a vitória nas gincanas, o reencontro dos Ex-Alunos, tudo isto aí vai, nas fotos, nos textos, nas entrelinhas, nas estrelinhas, nas estrelas dos olhos muito abertos, tão acesos, tão radiosos!

Ser feliz é um modo de agradecer a Deus que é tão bom para nós. Ser agradecidos a Deus e a nossos Amigos e Colaboradores, a toda a Família



Por ocasião dos 25 anos de lutas e vitórias do nosso Colégio, recebemos com alegria e fé a bênção de João Paulo II para nossa Comunidade Educativa.

do São Vicente, é um modo de abrir funda a alma e merecer mais bênçãos, mais alegrias, mais dons. Nada queremos guardar escondido: tudo na palma das mãos, oferecido a vocês em gesto amigo!

2. Olhando bem, tanto as árvores, ali fora, como o coração da gente, aqui e em todos os lugares, olhem que já deu para notar que estamos chegando ao fim do ano e, de repente, já é Natal de novo!

Com este número de A CHAMA encerramos as edições deste ano jubilar do São Vicente. Por isso é que enviamos aos nossos queridos Amigos e Leitores uma mensagem de Natal, porque nós continuamos a nascer!

Pe. Lauro Palú, Diretor.

UM AMIGO DE LONGE FESTEJANDO CONOSCO

Mensagem para a Revista "A CHAMA", no 25º aniversário da Fundação do Colégio São Vicente de Paulo, Rio de Janeiro

MEUS caros Amigos, Padre Palú, Equipe de Educadores e Alunos, é para mim uma verdadeira alegria saudar a Comunidade Educativa e os Alunos do Colégio São Vicente de Paulo, por ocasião do 25º aniversário de sua fundação. Saudando-os, desejo também cumprimentar a todos aqueles que, nestes 25 anos, ensinaram ou estudaram ou trabalharam nesse Colégio que contribuiu notavelmente para a vida espiritual e cívica da cidade do Rio de Janeiro.

Encontrei, há alguns anos, um leigo ilustre, profundamente dedicado a numerosos projetos sociais de assistência aos pobres e aos menos afortunados da sociedade. Perguntei-lhe qual era a origem de seu entusiasmo e dedicação. Respondeu imediatamente: "Padre, eu próprio recebi uma valiosíssima educação. Sou profundamente grato a Deus por ela e sinto que o melhor meio de pagar minha dívida de gratidão para com ele é procurar compartilhar com os outros um pouco das riquezas que possuo por causa da educação que tive a felicidade de receber."

Estes sentimentos são dignos de um São Vicente de Paulo. Eu poderia, na verdade, imaginar São Vicente perguntando a cada aluno do último ano do Colégio: "O que você vai fazer com as riquezas intelectuais e espirituais que recebeu com a educação no Colégio que tem o meu nome, na cidade do Rio de Janeiro?"



Pe. Richard McCullen esteve no Rio em agosto de 1984 e aparece aqui em companhia do Pe. Lauro, com outros dois antigos Educadores e Missionários Lazaristas, Pe. Carlos (E) e Moura (D).

ro?" Talvez a resposta imediata fosse: "Ganhar a vida, naturalmente." É este um objetivo verdadeiro e louvável, mas quem pensaria que São Vicente de Paulo ficaria satisfeito com esta resposta? Ele exigiria mais. Exigiria que cada membro da Comunidade Educativa, cada aluno deste Colégio se lembrasse dos pobres em seu redor, dos pobres que foram para São Vicente e deveriam ser para todos nós "o meu peso e a minha dor".

Minha esperança e minha prece é que este Jubileu de Prata do Colégio seja uma ocasião de reconhecimento e alegria para os Formadores e para os Alunos. Minha esperança e minha prece é que o nome de São Vicente de Paulo não esteja somente nos lábios, mas nos corações e que os sentimentos de São Vicente de Paulo sejam também os de vocês.

"Não podemos assegurar melhor nossa felicidade eterna do que vivendo e morrendo no serviço dos pobres, nos braços da Providência e numa contínua renúncia de nós mesmos, para seguir a Jesus Cristo" (Coste, vol. III, p. 392).

No amor de Nosso Senhor,
seu dedicado
Richard McCullen,
C.M.
21º indigno sucessor de
São Vicente de Paulo

A Message for the Review, A CHAMA,
on the 25th Anniversary of the Foundation of the
College of Saint Vincent de Paul, Rio de Janeiro

My dear Friends, Father Palú, Staff and Students,

It is a real joy for me to greet the Staff and Students of the College of Saint Vincent de Paul on the occasion of the 25th Anniversary of its foundation. In greeting you I wish also to salute all who have in the past 25 years taught or studied or worked within the walls of this College which has contributed notably to the spiritual and civic life of the city of Rio de Janeiro.

Some years ago I met a remarkable layman who was deeply dedicated to a number of social projects which were assisting the poor and the less fortunate in society. I asked him what was the source of his enthusiasm and dedication. He replied immediately: "Father, I received myself a very valuable education. I am deeply grateful to God for it, and I feel that the best way of repaying my debt of gratitude to Him is to try and share with others some of the riches which are mine through the education I was fortunate enough to receive."

These sentiments are worthy of a Saint Vincent de Paul. Indeed I could well imagine Saint Vincent posing this question to each final year student of the College: "What are you going to do with the intellectual and spiritual riches which you have received through your education in the College which bears my name in the city of Rio de Janeiro?" Perhaps the immediate answer would be: "To earn my living, of course." That is a true and praiseworthy motive, but who can think that Saint Vincent de Paul would be satisfied with that reply. He would ask for more. He would ask that each member of the Staff, each Student of this College would be mindful of the poor in your society, the poor who were for Saint Vincent, and should be for all of us, "my burden and my sorrow".

My hope and prayer is that the Silver Jubilee of the College will be an occasion of grateful rejoicing for Staff and Students. My hope and prayer is that the name of Saint Vincent de Paul will not only be on your lips but in your hearts and that the sentiments of Saint Vincent de Paul will also be yours.

"We cannot better assure our eternal happiness than by living and dying in the service of the poor in the arms of Providence and in a continuing denial of ourselves to follow Jesus Christ." (Coste Vol. III, p. 392).

In the love of Our Lord I remain;

Devotedly yours,
Richard McCullen, C.M.
Richard McCullen, C.M.
Superior General
21st unworthy successor of Saint Vincent de Paul

Assistencialismo, Simples Promoção ou Libertação?

Para comemorar os 25 anos do Colégio São Vicente de Paulo, nada melhor do que fazer um ciclo de palestras sobre o nosso Santo Patrono, cuja vida e cujas obras nos inspiram em nosso trabalho e em nossas lutas.

Por isso, nos dias 24 de setembro, 1º e 8 de outubro, recebemos em nosso auditório os convidados que atenderam a nosso convite (diga-se de passagem, que foram, nas três noites, espantosamente poucos!)

*Um Ciclo
de
Palestras
e um
Painel
Feitos
a
Capricho*

1 O Pobre para São Vicente e para nós

Dia 24 de setembro, nosso Coordenador Acadêmico, HUGO DE VASCONCELOS PAIVA, nos falou do Pobre, como era visto socialmente no tempo de São Vicente (Séculos XVI e XVII), e do modo como foi encarado na teologia e na espiritualidade do tempo, com a consequente maneira de se trabalhar pelos Pobres. O Século XVII, sobretudo, foi chamado de "Idade dos Mendigos". Os miseráveis morriam vítimas da peste, das fomes e das guerras. A miséria fazia aumentarem a ganância e a avaréza. Exaltava-se a bondade dos ricos, para os comover e os fazer ajudar os mendigos.

São Vicente viu os Pobres no contexto de sua espiritualidade, descobrindo neles, em seus sofrimentos, em sua desumanização, a face sofredora do Cristo, cuja Paixão continua até hoje, em todos os quadrantes do mundo. Considerava os Pobres como nossos Mestres (no sentido de nossos Patrões) e nossos Senhores. Descobriu, na análise das injustiças e dos sofrimentos dos humildes, que cuidar deles não era apenas uma obra de caridade, mas era uma exigência elementar da justiça.

São Vicente fez progredir o pensamento e a

ação em favor dos Pobres, na medida em que procurou não apenas a ajuda imediata, assistencialista, mas alguma forma de promoção, como, por exemplo, quando distribuía sementes e instrumentos agrícolas para que pudessem plantar e manter-se. Não chegou a questionar o Rei ou os poderes econômicos da estrutura social do tempo.

Hoje, a Igreja está mais instrumentada para saber que a pobreza é fruto de estruturas sociais injustas, geradoras de formas sempre novas de pobreza e marginalização. A ação do cristão, hoje, precisa ser coerente com esta visão social e as intervenções devem ser feitas sobre as causas sociais, econômicas, políticas, etc., que desencadeiam a pobreza. Portanto, não faremos nem assistencialismo nem simples promoção, nós promovendo, mas o esforço de libertação integral do homem, que é sujeito de seu próprio desenvolvimento pessoal e social, solidário e responsável também com os outros.

2 Mensagem de São Vicente para hoje

Dia 1º de outubro, Dom LUCIANO MENDES DE ALMEIDA, Bispo Auxiliar de São Paulo e Secretário da Conferência Nacional dos



Bispos do Brasil (CNBB), destacou a mensagem de São Vicente para os homens de hoje, centralizando sua exposição em três pontos:

— Ver Jesus Cristo presente e sofrendo em cada Pobre, e passar ainda além, procurando ver os Pobres com o próprio olhar de Cristo, com seu amor desinteressado, gratuito, libertador, generoso e coerente.

— Fazer da oração, do encontro com Deus, um meio de tornar mais efetiva, mais real e corajosa a nossa ação junto ao Pobre. Isto é, fazer que a vontade de encontrar e servir a Deus em nossa vida nos torne mais capazes do esforço transformador que a pobreza exige e suscita.

— Por fim, a opção pelos Pobres. Uma opção clara, motivada por um espírito profundamente humano, não por interesses políticos ou por medo da revolta agressiva dos Pobres, mas pela consciência da fraternidade fundamental em que nos realizamos como humanos.

Um apelo final de Dom Luciano motivou especialmente o auditório: São Vicente hoje está sendo de novo necessário, porque a miséria aumenta e os cristãos estão frios e distantes dos mais pobres, dos mais abandonados. Ao mesmo tempo em que reconheceu a importância de um Colégio como o São Vicente, Dom Luciano mostrou a coragem que é preciso ter para ir à busca dos que morrem pelas ruas sem ninguém e sentiu que é este um apelo especial para os Filhos de São Vicente, hoje.

3 Painel das Obras Vicentinas no Brasil

Dia 8 de outubro, tivemos um painel, com Missionários do Norte e Nordeste do Brasil, com Educadoras de Minas e da Baixada Fluminense, vindos a convite do Pe. Lauro, para podermos todos comprovar como o esforço de educação libertadora do Colégio São Vicente se insere num trabalho comum de pastoral de tipo libertador. E foi bonito ver, de Norte a Sul, o mesmo respeito às pessoas, a mesma valorização dos agentes, o mesmo esforço de formar agentes de transformação social!

Escola Padre Virgílio, Belo Vale, Minas Gerais:

Acompanhada da Irmã Therezinha de Aquino Filha, a IRMÃ LÚCIA REZENDE relatou o trabalho desenvolvido no Colégio Padre Virgílio, em Belo Vale, interior de Minas Gerais, município com 10 mil habitantes.

Trabalhando em áreas integradas (religiosa, política, econômica, recreativa, social, profissionalizante, cultural e especial), a partir de uma

Pe. Lauro faz a abertura de mais um Encontro da Comunidade Educativa do Colégio São Vicente, promovido pela APM, apresentando as Irmãs da Caridade e os Padres Lazaristas que falaram no painel sobre as Obras Vicentinas no Brasil.



Irmã Lúcia Resende e Irmã Terezinha Aquino falaram do trabalho feito em Belo Vale, MG — um colégio pequeno mas pioneiro e dinâmico.

consciência crítica, o Colégio promove a comunhão e participação de todos, numa práxis transformadora. Os problemas e projetos são comuns e tenta-se fazer uma reflexão política sobre todos os fatos e acontecimentos, locais e do país. As notícias dos jornais são lidas e discutidas e tudo que se faz é auto-avaliado. Os próprios Alunos dão suas notas. Os trabalhos são feitos em equipe, evitando-se a competição e o individualismo.

Há uma perfeita integração Escola/Centro Social, executando-se um trabalho conjunto a partir da necessidade do Pobre.

Os mutirões para construção contam com o trabalho dos Alunos do 2º Grau, que quebram pedras e apanham areia no rio. O estágio do magistério é feito na creche e na família.

Irmã Lúcia termina seu depoimento com a finalidade de seu trabalho junto à comunidade de Belo Vale: libertar e promover o Pobre, segundo o carisma da Congregação e formar agentes de

transformação social para transformar uma sociedade opressora e injusta numa sociedade livre e fraterna.

Casa da Criança, São João de Meriti, Rio de Janeiro:

Dando um panorama da região em que atua (Município de São João de Meriti, na Baixada Fluminense), IRMÃ BERNADETTE MELLO chamou a atenção do auditório para as condições precárias em matéria de educação e vida da população. Praticamente um "município dormitório", São João de Meriti fica vazio a partir das quatro horas da manhã, quando vão para o trabalho vigias, porteiros, diaristas, biscateiros.

Ao lado do analfabetismo, falta de recursos, criminalidade e violência, existem algumas ruas privilegiadas como a Treze de Junho, onde moram os donos de supermercados, comerciantes, banqueiros e "bicheiros de 1ª classe", que freqüentam clubes fechados. Os 12 hospitais existentes não possuem nenhum leito público. O Pobre só é atendido por pressão da comunidade.

A Casa da Criança abriga atualmente 194 crianças. Dá assistência às gestantes, que têm um acompanhamento de ginecologista e pediatra e acolhe as crianças até os dois anos de idade, em regime de semi-internato.

A "Pastoral do Neném" distribuiu 43 enxovais aos bebês. Não é gratuito, pois as mães trabalham costurando as roupinhas.

Missões de Itaparica, Bahia:

Numa esquina de uma cidade havia um esmoler. Certa vez, passou por ele um homem de Cadillac e anel no dedo, olhou o pobre e disse para o seu motorista: — "Olha ali, coitado! Não tem nada no bolso, não tem nada na cuca". Ao que o esmoler teria dito: "Coitado, não tem nada no coração".

(História contada por um morador de Itaparica)



Irmã Bernadette Mello, em São João de Meriti, RJ, dirige a Casa da Criança Lar São José, ajudando a humanizar a Baixada Fluminense.



Padre Francisco Eduardo Gomes Siqueira fala do trabalho com os pescadores pobres da Ilha de Itaparica, BA, e do fenômeno religioso numa cultura de pobreza.

Trabalhando na Missão da Ilha de Itaparica, na Bahia, o Pe. FRANCISCO EDUARDO GOMES SIQUEIRA nos dá o depoimento de sua luta nessa região de povo pobre, pouco cristianizado, carente de agentes de pastoral.

Vivendo basicamente da pesca, os habitantes vêm sendo deslocados para o interior da ilha, ora pelos prejuízos causados pela multinacional Dow Chemical, poluindo a região de onde tiravam seu sustento, ora acossados pelas empresas loteadoras.

Pe. Francisco Eduardo falou do desafio que é o trabalho de evangelização na área, em virtude dos valores culturais das raízes africanas.

O objetivo da Missão em Itaparica é caminhar com o povo, reconhecendo-o como sujeito, pelo processo de reflexão em grupo, criar e reforçar estruturas que possibilitem desenvolver um projeto de evangelização realmente cristão. Tenta-se desencadear um processo de atividades sociais através de reflexão em grupos, respeitando os valores culturais do povo.

O analfabetismo predomina na região e existe carência de elementos para levar o projeto adiante. Há necessidade de formação de agentes de pastorais, lideranças leigas. O povo tem como seus valores: dignidade pessoal, liberdade, partilha na pobreza, sede de ver sua dignidade respeitada.

□ Prelazia de Cametá, Pará:

Atuando numa extensa área (nas margens do Tocantins), Pe. JOSÉ COUTINHO FAVACHO percebe as contradições entre o Nordeste e a Amazônia, afirmando que a diferença entre o Nordeste e a Amazônia é maior do que entre o Nordeste e a Região Centro-Sul.

Economicamente tribal, vivendo praticamente da coleta (frutos, peixe, caça), o homem da Amazônia assiste perplexo ao avanço do capitalismo do campo, desorganizando seu esquema mental, com suas terras cobijadas por empresas nacionais e internacionais. De maio a outubro, foram assassinados 81 posseiros e os

responsáveis continuam impunes. Trata-se da mesma região onde foram presos os dois Padres Franceses.

Sob o aspecto religioso, o amazonense possui uma cosmovisão tribal. Não há sincretismo, tanto procura o santo como o pajé. Acredita na iara e outras entidades.

Em 1968, sob a orientação dos lazaristas, tem início a discussão de problemas ligados à comunidade, como saúde, posse de terra, política e educação. Uma equipe central assessora na área de saúde, enfatizando a medicina preventiva em substituição à curativa.

A equipe de orientação agrícola conta com um agrônomo e um técnico, com o objetivo de introduzir uma cultura permanente de cacau, guaraná, café, pimenta-do-reino.

A comissão Pastoral da Terra funciona com um advogado e um agente educacional, visando a fixação do homem na terra. Com a desapropriação feita pela Eletronorte, cerca de 2.000 pessoas encontram-se acampadas em Tucuruí, protestando contra a barragem. Há cinco anos lutam pelos seus direitos, mas os jornais não dão uma linha sobre o assunto.

Pe. Lauro, Regina M. e Damião Nascimento



Padre José Coutinho Favacho veio da Prelazia de Cametá, PA, e apresentou o trabalho com as Comunidades de Base, organizadas às margens do Rio Tocantins.

PROJETO EDUCATIVO

FRUTO MADURO DE UM LONGO TRABALHO

Primeiras intuições

OS inícios do Colégio São Vicente de Paulo foram marcados por situações contrastantes: ao mesmo tempo, pioneirismo e indefinições, ousadias e lacunas, avanços e recuos. Nasceu no tempo da fundação de Brasília, nasceu também do arrojo de seu construtor e primeiro Diretor, Pe. Joaquim da Silveira Horta. E se caracterizou por querer e fazer viver em pequeno o que se vivia em grande escala no Brasil de Juscelino Kubitschek.

O São Vicente se firmou num múltiplo alicerce: a tradição de educadores dos Padres Vicentinos (Lazaristas), o apoio dos Ex-Alunos Vicentinos, o idealismo dos Professores e Funcionários (dos quais alguns estão até hoje no trabalho do Colégio, vinte e cinco anos!). Desde o início, a aspiração das Famílias constituiu uma das direções da pedagogia. A experiência dos Professores começou a ser pensada sistematicamente, de modo constante, vindo a dar na definição das metas educacionais do Colégio, à luz dos objetivos dos Padres, para os quais uma Escola é um campo de missão, é uma mediação do trabalho de formação de consciências na linha dos seus propósitos maiores (evangelização, abertura das pessoas ao mundo do transcendente e do absoluto, orientação para a vida, e não apenas preparação para um vestibular ou uma profissão).

Proposta de Medellín

JÁ havíamos encontrado, para o Colégio, muito daquilo que ainda hoje nos caracteriza (a estrutura pedagógica, os Grêmios dos Alunos, a colaboração estreita com as Famílias, etc.), quando recebemos, em 1968, os Documentos dos Bispos Latino-Americanos, após a reunião de Medellín (Colômbia). O texto sobre Educação foi fundamental para o São Vicente, pois codificava as grandes linhas do esforço de todos e abria caminhos iluminados.

Resumindo em simplicíssimas palavras, a Educação que se propunha como ideal, como instrumento pessoal e social de libertação, deveria ser feita na base do respeito às pessoas, no diálogo, na criatividade, na formação do espírito crítico, numa nova visão do relacionamento entre o Educando e o Educador. Os Alunos foram estimulados a ser sujeitos de seu próprio desenvolvimento, num clima de liberdade aliada à responsabilidade, de espontaneidade e participação.

É certo que não conseguimos tudo deste sonho bonito! Nem todos entenderam o que significava a libertação cristã, confundindo-a com liberalismo e deixar as coisas correrem... A reflexão não alcançou todos os Educadores, faltando mais formação dos Funcionários e Mestres de Disciplina. Não se integrou sempre a atividade extraclasse com a sala de aula. Nem sempre todos eram informados das decisões ou atividades dos outros setores, gerando-se áreas de atrito. Faltou cobrar mais responsabilidade da parte dos Alunos, definir mais os limites da liberdade como processo pessoal e coletivo.

DO SÃO VICENTE:

Novo impulso, com Puebla

Em 1979, em Puebla (México), mais uma vez os Bispos Latino-Americanos ajudaram os Educadores, propondo linhas de ação que vieram enriquecer o projeto educacional do Colégio São Vicente de Paulo.

Por exemplo, o Aluno passa a ser visto como **sujeito** não só do seu próprio desenvolvimento mas **também do desenvolvimento social**. E toda a Educação foi vista como mediação para o grande objetivo de **libertar para a comunhão e a participação**.

Estas grandes divisas, estes lemas inspiradores se completam com as orientações que a Associação de Educação Católica do Brasil (AEC do Brasil) propôs: **Educar na e para a justiça**, e com a **formação para a vivência dos valores**, que foi o tema do último Congresso da Conferência Interamericana de Educação Católica (CIEC), realizado em Caracas (1983).

O que significam estes lemas? Desenvolvendo, por exemplo, dois aspectos, vejamos:

a) A educação **para a justiça** seria incompleta e impossível se já não fosse feita uma educação **na justiça**. Não adianta sonhar fazer depois, se não começamos na própria Escola, em todas as relações interpessoais que vivemos (Direção e Professores e Funcionários, Professores e Alunos, Colegas entre si, Alunos e os Funcionários da limpeza, por exemplo). A seriedade profissional do Professor que prepara e dá bem suas aulas é uma vivência na justiça, tanto quanto o esforço de um Aluno que não colou porque não quis deformar seu caráter e assumiu sua responsabilidade. Mas não basta isso. É preciso que os estudos sirvam para se conhecer o mundo conflitivo em que vivemos, se conhecerem as situações de pobreza e injustiça, se conhecerem, sobretudo, as causas estruturais das situações de pobreza e injustiça. E isso se pode fazer em aulas de História, Geografia, Filosofia, Organização Social e Política, Educação Moral e Cívica, e também lendo-se os livros indicados pelos Professores de Comunicação e Expressão.

b) A **formação para a vivência dos valores** é necessária, mais que nunca, frente à crise atual da autoridade (que leva alguns à anarquia), com a diminuição da força das pessoas-símbolos, com o desmoronamento dos sistemas morais religiosos tradicionais e com a implantação, nas sociedades, de modelos de desenvolvimento que privilegiam alguns e marginalizam as maiorias, dentro de um quadro de capitalismo dependente, atrelado às multinacionais invasoras e dominadoras.

Frente a esta crise, nós Educadores poderemos partir para uma atitude de reação, procurando restaurar os valores antigos, com superação da indisciplina, da pornografia, etc., impondo disciplina, silêncio, pontualidade, respeito... Ou podemos trabalhar na linha de fazer emergirem as forças vivas da sociedade e do ser humano.

É nesta base que se compreende o modo como temos explicitado e definido o objetivo do Colégio: formar agentes de transformação social.

Resumindo o projeto educacional do Colégio São Vicente de Paulo

1 **Nosso objetivo é formar agentes de transformação social**, isto é, um cidadão de consciência crítica, instrumentado pelo conhecimento da realidade, em especial, dos mecanismos estruturais geradores da pobreza, capacitado para um engajamento solidário em favor dos Pobres, à luz da opção pelos Pobres, que ilumina hoje a prática social dos cristãos na América Latina. Membros da classe social detentora do poder, nossos Alunos serão chamados em breve a ocupar postos de decisão, importantes para a organização social, econômica e política do País. Se forem conscientes de sua responsabilidade social, ocuparão esses cargos com um sentimento do outro, do Pobre, da justiça.

2 **O método que usamos é a educação da consciência crítica**, do senso social, da responsabilidade, da liberdade que se engaja na luta pelas causas do Homem. É a educação feita no diálogo, na participação, na comunhão de ideais e de esforços.

Chamamos esse método de **educação libertadora** e queremos, com este nome, expressar **uma educação conscientizadora, personalizadora, transformadora**. Temos clara consciência de que o processo da libertação pessoal e comunitária (fraterna) do homem vai muito além das propostas do simples liberalismo. O sentido e o conteúdo da libertação se tiram do fundamento em que nos baseamos.

3 **O fundamento de nosso trabalho**, aquilo de que partimos para educar, **são os valores humanos mais autênticos**, que Jesus Cristo viveu e ensinou e que a Igreja propõe como **fermento da transformação social**. Esses valores são, por exemplo, a dignidade humana, a igualdade das pessoas, a fraternidade, a liberdade, a fidelidade à palavra e aos ideais da vida, a dedicação aos necessitados, a luta pela justiça, o acolhimento dos dons de Deus e seu uso responsável em favor dos irmãos, a crença na vocação do homem, o amor capaz de fidelidade e sacrifício, a ajuda fraterna, e tantos outros, que temos uma grande alegria de ver realizados na figura de nosso patrono e inspirador, São Vicente de Paulo, e nos Educadores que fundaram e formaram este Colégio.

4 **A orientação do Colégio é cristã, é católica, no que isso tem de mais universal, aberto, acolhedor e pluralista**. O Colégio é uma obra destinada a concretizar, no Rio de Janeiro, a inspiração de São Vicente, formando nossos Alunos no espírito que animou nosso patrono a se dedicar aos necessitados, como hoje procuraremos lutar com os marginalizados e os oprimidos, para criar, com eles, as condições de superarem as condições desumanas em que vivem e realizarem o mundo justo e fraterno que Deus sonhou para nós, que nós também temos o direito de sonhar e a missão de conseguir!

Pe. Lauro Palú, C.M., Diretor

Um Colégio em Boa Companhia: A Obra Educativa dos Lazaristas

O Colégio São Vicente de Paulo não nasceu do acaso nem é uma obra isolada, nas mãos dos Padres Lazaristas. Muito da força do nosso Colégio é fruto de uma vocação realizada, no mundo inteiro, segundo a inspiração de nosso patrono. No Brasil e no exterior, trabalhamos em educação e o esforço de realizar uma ação de tipo libertador não é exclusivo daqui deste Colégio.

■ Brasil, de Norte a Sul

No Brasil, estamos trabalhando em educação desde 1820, quando chegaram nossos dois primeiros Padres, que vieram de Portugal e inauguraram, no célebre Caraça (Minas Gerais), uma escola e um centro de missões populares. Os quatro primeiros Alunos do Caraça eram do Rio de Janeiro, levados para iniciar, em Minas, o que foi o melhor Colégio do século passado, como casa onde se formaram vultos expressivos de nossa sociedade, sejam os políticos como Afonso Pena, Artur Bernardes, Presidentes da República, sejam outros, ainda na política, que foram vice-Presidentes, Governadores de Estado (presidentes de Província, como se dizia), senadores, deputados, ministros, embaixadores, etc. Outros foram professores, médicos, advogados, militares etc. E é interessante ler o livro de matrículas do Caraça, para saber quem foi o quê, quem foi comido pelos índios, quem foi o inventor de tais pílulas contra tal coisa, quem foi da Academia Brasileira de Letras, quem foi Bispo, quem foi Padre. O Caraça foi, ao mesmo tempo, muitos anos, Colégio e Seminário. Isso lhe deu muito conceito, pois seus grandes Professores eram conscientes da missão de formar os anunciadores da Palavra de Deus e também os construtores de uma sociedade organizada e feliz. Mesmo depois de terminado o Colégio, continuou o Seminário a formar gerações sucessivas de gente estudiosa, dedicada e confiante.

Foram também Alunos dos Lazaristas outros políticos importantes como o Presidente Jânio Quadros, em Curitiba, onde também estudaram conosco Ney Braga, Bento Munhoz da Rocha Neto (contemporâneos de meu Pai no Colégio Paranaense, onde mais tarde também estudei, já sob a direção dos Irmãos Maristas), e também o Presidente Juscelino Kubitschek, no Seminário de Diamantina, e políticos da melhor tradição mineira como João Pinheiro, Delfim Moreira e Raul Soares (do Seminário de Mariana) e Olegário Maciel e Melo Viana (também do Caraça).

Seminários espalhados pelo Brasil (Maranhão, Ceará, Bahia, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, para falar só de nossa Província cuja sede é o Rio de Janeiro) foram de fato "sementeiras" onde puderam germinar e crescer vocações humanistas, de profissionais que hoje honram os mais variados setores sociais. Formamos mais de 2.000 Padres e uns 130 Bispos para todo o País, entre os quais Dom Hélder, Dom José Maria Pires (Dom "Pelé"), nosso Cardeal Dom Eugênio.

Muitos Pais de Alunos do São Vicente foram nossos Colegas ou Alunos nos Seminários do Caraça, Fortaleza, Diamantina, Mariana. De geração em geração, vamos recebendo os netos de ex-Alunos de tantos lugares onde realizamos nossa missão de Educadores.

Aqui mesmo já são numerosos os Pais que foram Alunos do próprio São Vicente. E é uma alegria muito grande vê-los trazendo suas Crianças, recuperando e revivendo suas infâncias e seus sonhos, aqui nos mesmos lugares!

■ Por este mundo fora

Mas não é só no Brasil que os Padres Lazaristas realizam uma missão de Educadores.

Participando, no início de setembro, de uma reunião em Roma, conversei com alguns companheiros da Comissão, sobretudo um indiano e um norte-americano. Na Índia, nossos Padres

dirigem muitas escolas, nas paróquias e nos territórios onde pregam as missões, e sabem que, muitas vezes, é o único meio de chegar aos adolescentes e jovens que não são cristãos mas precisam da instrução para se promoverem na vida. Há um tipo de escolas para os jovens em geral e outro, tratado mais carinhosamente ainda, para os pobres mais pobres, tão numerosos na Índia.

Nos Estados Unidos, dirigimos três Universidades: Saint John's e Niagara University (New York) e De Paul University (Chicago), com mais de 30.000 Alunos, além de outras obras de Educação, como os próprios Seminários, cujos numerosíssimos ex-Alunos multiplicam em toda a sociedade o que receberam nos bancos escolares. Uma coisa que os Padres Lazaristas estão fazendo, nos Estados Unidos, é voltar-se para os mais necessitados, os marginalizados sociais e políticos, como os imigrantes porto-riquenhos e os mexicanos, criando para eles obras numerosas de educação popular. O primeiro efeito deste trabalho junto aos mais pobres é a transformação da vida e da mentalidade dos próprios Padres, que se dedicam a aprender o espanhol e estão descobrindo sua vocação missionária, indo também trabalhar no Panamá, na Guatemala, em Formosa (Taiwan) e no Quênia (África).

São frutos assim que esperamos colher, quer entre nós, os Diretores e Orientadores do Colégio, quer entre nossos Alunos.

No dia 8 de outubro, o Colégio assistiu a um painel sobre as obras que os Filhos de São Vicente de Paulo, Padres Lazaristas e Irmãs da Caridade, realizam no Brasil, do Pará à Baixada Fluminense, numa linha libertadora de pastoral, promovendo as pessoas, trabalhando pela formação de sua consciência crítica, de seu engajamento social.

O nosso Colégio se descobriu membro de uma Comunidade maior, de uma Família mais ampla, mais corajosa, mais sofrida, e se sentiu igualmente feliz, porque vive do mesmo espírito de São Vicente de Paulo.

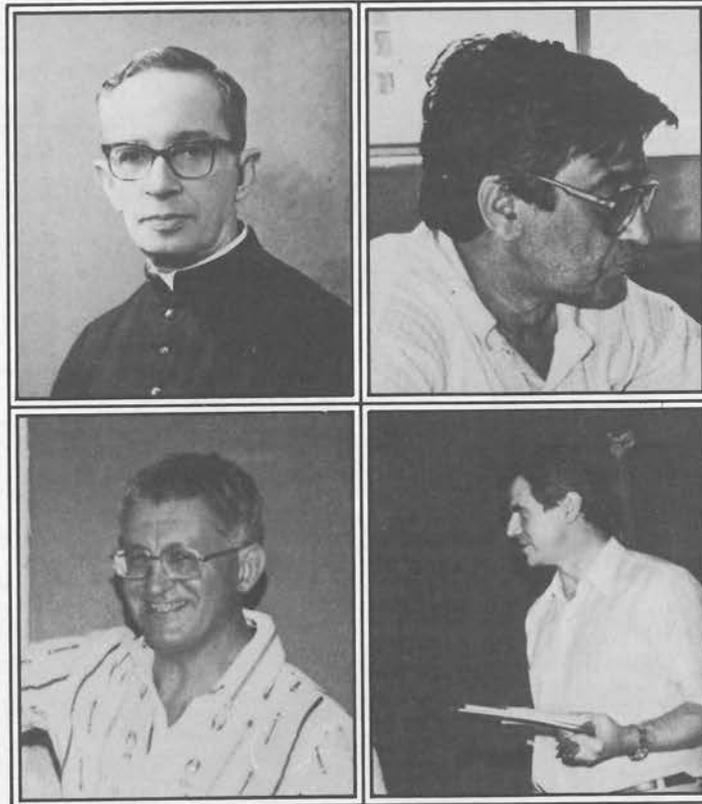
Pe. Lauro Palú.

QUATRO DIRETORES
(E UMA BOA EQUIPE)
FAZERAM ESTA CASA



Juscelino Kubitschek de Oliveira e Austregésilo de Athayde são dois Ex-Alunos dos Padres Lazaristas, em Diamantina e Fortaleza. Padre Vicente Péronille (C) recebeu Juscelino (Nonô) no Seminário de Diamantina.

QUATRO DIRETORES (E UMA BOA EQUIPE!) FIZERAM ESTA CASA



Da fundação, em 1959, até ao Jubileu de Prata, o Colégio São Vicente teve quatro Diretores. Os Leitores os encontrarão reunidos nestas páginas a seguir, respondendo às perguntas da redação de A CHAMA. Há interesse em recuperar a memória dos tempos, em desenvolver as esperanças iniciais, em saber onde foram parar muitas das intuições ou dos propósitos do começo. Hoje, Padre Horta é Capelão no Santuário da Medalha Milagrosa, no Matoso (Rio); Marçal é Professor no São Vicente; Padre Almeida é Assistente Geral da Congregação dos Lazaristas (Roma); Padre Lauro está à frente do Colégio, animando a boa equipe atual. Da experiência de cada um, de suas preocupações e conquistas, um pouco para todos os Leitores. E vejam como continuam alegres e vivos! Pelo visto, ser Diretor do São Vicente não faz mal a ninguém!



*Nossa redatora
Regina M. B.
Nascimento "adora"
fazer uma entrevista!
E quando encontra
alguém do otimismo
do Pe. Horta, é ouro
sobre azul!*

PADRE JOAQUIM HORTA

O Fundador do São Vicente

Vinte e cinco anos? Foi ontem mesmo. No casarão do Cosme Velho pessoas olhavam pelas janelas carcomidas e viam os Padres chegando, de preto, aqueles urubus, como os chamavam, não disfarçando o seu rancor. Vinham guiados espiritualmente pelo ideal sacrossanto de sua Missão e materialmente pelas mãos calosas e vividas de José Lino, devoto e amigo fiel. Depois, as obras, só possíveis devido ao empréstimo de JK e tocadas ao ritmo de Pe. Horta. Finalmente, o Colégio, calcado no espírito de São Vicente e no calor da Fé, que o fez crescer e aquece os corações de todos aqueles que por ele passaram, passarão e passarão. Em todos, a lembrança atuante, presente, amiga, fraterna e querida do seu Fundador.

Regina M. B. Nascimento

A CHAMA: O projeto de um Colégio que, divulgando a mensagem cristã, homenagearia São Vicente, foi exposto pelo senhor ao então Presidente da República, Juscelino Kubitschek, num almoço. Quando e onde se realizou esse encontro e que pessoas dele participaram?

Pe. HORTA: Esse almoço foi realizado na sede do Jornal O GLOBO, oferecido por Roberto Marinho, ex-Aluno dos Padres Lazaristas, em agosto de 1957, e contou com a presença de pessoas de destaque na sociedade da época, quase todos ex-Alunos ou ex-Seminaristas de nossa Congregação, como Dom Hélder Câmara, Cristóvão Breiner, Austregésilo de Athayde etc. Nesse encontro expus ao Juscelino, também nosso ex-Aluno em Diamantina e meu amigo particular, o projeto do Colégio e pedi a ele um empréstimo de vinte mil cruzeiros, equivalentes a vinte milhões de cruzeiros atuais, quantia considerável na época, hoje insignificante. Ele aquiesceu imediatamente.

A CHAMA: Na inauguração do São Vicente, em março de 1959, Juscelino estava presente?

Pe. HORTA: Juscelino não veio à inauguração do São Vicente, mas mandou Negrão de Lima como seu representante.

A CHAMA: Juscelino veio alguma vez ao Colégio?

Pe. HORTA: Ele veio uma vez ao São Vicente, não me lembro bem quando, almoçou conosco e conversou com Funcionários, Professores e Alunos, que o entrevistaram, deixando neles uma forte impressão pela simplicidade, simpatia e cordialidade.

A CHAMA: A boa afluência de Alunos, logo no primeiro dia de aulas, foi devida a quê?

Pe. HORTA: Recebemos Alunos de vários outros Colégios, adotando o regime de semi-internato e foram 350 ao todo, na inauguração, número muito bom para um Colégio novo. Isso foi devido à fama dos Padres Lazaristas de bons educadores, de que foi exemplo expressivo o Caraça. Alguns dos nossos primeiros Alunos eram filhos de ex-Alunos de outras instituições nossas.

A CHAMA: O senhor se referiu ao Caraça, educandário célebre pelo seu alto padrão de ensino e pela severa disciplina. No tocante à rigidez de comportamento do Caraça e à liberalidade do São Vicente, como explicar a diferença?

Pe. HORTA: A diferença é explicada pela própria época de existência desses dois estabelecimentos de ensino. O Caraça adotava um sistema educativo e disciplinar moldado nos padrões de uma época hoje totalmente superada.

A CHAMA: No desejo de aprimorar o ensino no São Vicente, o senhor tomou várias iniciativas de caráter cultural e pedagógico. Lembra-se de alguma especialmente proveitosa para o nosso Colégio?

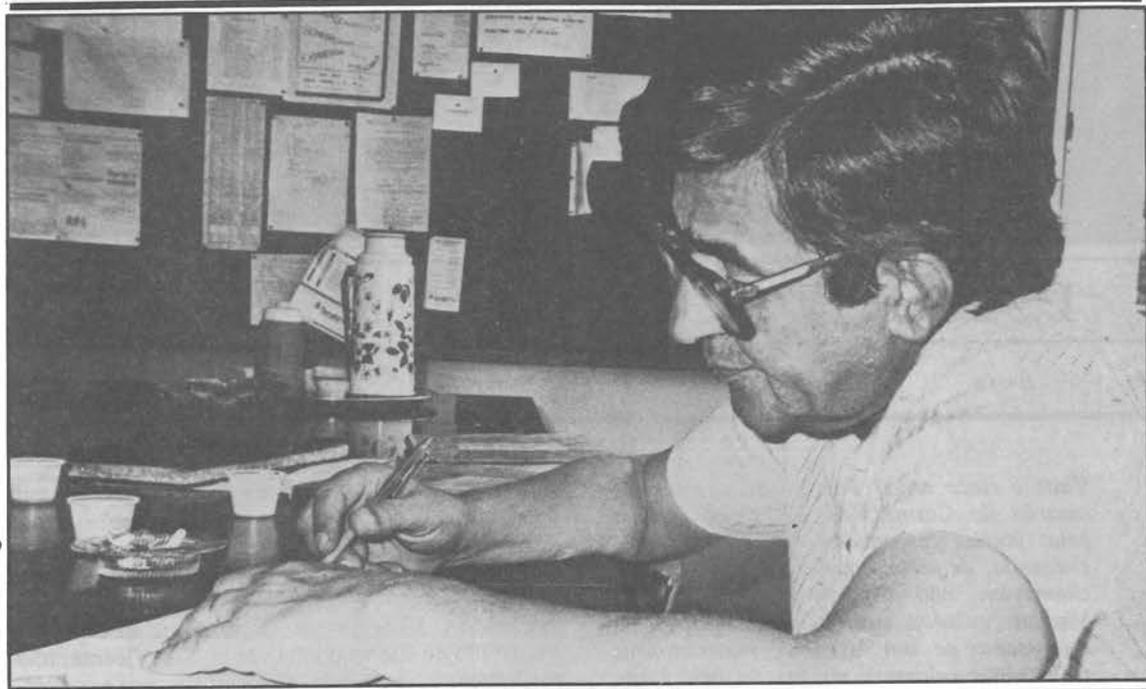
Pe. HORTA: Os Professores do São Vicente sempre foram muito selecionados quanto à sua capacidade profissional. Certa vez, levei um grupo

de Professoras, de kombi, a São Paulo, para um curto estágio no Colégio Sion, onde se fazia um bom trabalho com o Método Montessoriano. Para elas e para o nosso Colégio foi uma experiência bastante proveitosa.

A CHAMA: Hoje, a que atividades o senhor se dedica?

Pe. HORTA: Estou há dez anos no Santuário da Medalha Milagrosa de Nossa Senhora das Graças,

na Tijuca. Lá eu me dedico à Pastoral de Casais. Eu os preparo para o casamento, os caso e os acompanho após o casamento, através de uma assistência espiritual. Já casei lá quase dois mil casais nestes dez anos e os filhos deles são como meus netos. No último domingo de cada mês fazemos sempre uma Missa em Ação de Graças, seguida de uma festinha com doces e salgadinhos, trazidos pelos participantes. A confraternização entre eles é muito grande.



Marçal Versiani assumiu a direção do Colégio em fase muito importante de sua história e deu um impulso decisivo ao 2º Grau.

MARÇAL VERSIANI DOS ANJOS, *segundo Diretor e atual Professor*

A CHAMA: O senhor foi Professor aqui, no período delicado de depois de 64. Como foi enfrentada a situação?

Prof. MARÇAL: Felizmente, houve bastante bom senso: Professor algum embarcou na passionalidade que encarou o movimento de 64 como uma redenção da Pátria; a maioria viu com desconfiança o recurso ao autoritarismo e ao regime de exceção, sob o pretexto de restabelecer-se a ordem e a democracia. Foram admitidos aqui Professores — por sinal, excelentes profissionais e colegas — que foram punidos pela Revolução: entendemos que essas punições eram, como são, punições meramente políticas, aplicadas sem direito à defesa ou por típicos tribunais de exceção.

A CHAMA: O senhor vê muita diferença entre o Colégio da década de 60 e o atual?

Prof. MARÇAL: Muita. Afinal, a sociedade brasileira mudou. E esta mudança teria que repercutir sobre as novas gerações. No meu sentir, as diferenças mais gritantes decorrem de um processo de massificação sofrido pela sociedade brasileira, que correu em paralelo com o processo de restrição às

liberdades individuais: massificação do lazer (escapismo) e massificação do prazer (chamada inadequadamente de permissividade). São dois exemplos de compensação ilusória pela ausência do fundamental: a liberdade, a participação, a responsabilidade.

A CHAMA: O senhor acha possível uma educação libertadora nos quadros de um Colégio?

Prof. MARÇAL: Num país em que a educação é um privilégio, a educação libertadora seria uma utopia. Mas nós precisamos de utopias, para vencer o conformismo, o conservadorismo... Acho que a escola — qualquer escola desde que esta apareceu, na Idade Moderna — situa-se mais na vertente da conservação e da ordem na educação, que na vertente da libertação. Parece-me que o contexto da educação libertadora é bem mais amplo. Mas é indispensável que a escola se convença de que a educação ou também é libertadora, ou não será jamais educação.

Em síntese, parece-me que a escola pode ser **muito mais** um centro de reflexão em prol da libertação da educação que um agente da educação libertadora.

PADRE JOSÉ PIRES DE ALMEIDA,

Diretor durante 13 anos

Pe. ALMEIDA: Antes de responder às questões, congratulo-me com a Direção do Colégio São Vicente de Paulo, com a Associação de Pais e Mestres e com os Redatores de "A CHAMA", por esta edição especial comemorativa. Não se trata, seguramente, de decantar glórias, mas de repensar o serviço prestado. E 25 anos representam para isso uma etapa bem significativa. É todos os que, por qualquer título, se sentem ligados ao Colégio São Vicente, enquanto Comunidade Educativa, ficarão contentes por ver, no final das comemorações, ao lado de alguns troféus — pois não deixaram de existir! — muita disposição de melhor servir! **PARABÉNS!**

A CHAMA: N'A CHAMA nº 26, de outubro de 1979, o senhor declarou que o Colégio São Vicente foi o pioneiro no Brasil na adoção da Educação Libertadora e que essa proposta gerou controvérsias nesta Comunidade Educativa. Tais controvérsias são contornáveis e benéficas, estimulando o diálogo, ou são tão radicais que inviabilizam esse projeto?

Pe. ALMEIDA: Esta primeira questão sugere resposta abstrata ou geral. Seria, entretanto, pretensiosa qualquer resposta abstrata ou geral. As "controvérsias" e/ou oposições situam-se no tempo e no espaço e procedem de pessoas que são, por sua vez, limitadas por circunstâncias e preconceitos. Minha resposta será, antes, portanto, uma evocação de situações vividas.

Se a preocupação com uma filosofia educacional surgiu já durante os anos do Concílio Vaticano II e se o Documento de Medellín concretizou tal aspiração, já no correr de 1968, bem mais discreta foi a divulgação do sistema junto ao grande público do Colégio. Por vários anos, a elaboração das práticas educativas teve de limitar-se a um grupo de reflexão, estendendo-se, oportunamente, ao Professorado e, aos poucos, sendo explicado também aos

Funcionários da Casa e aos Pais de Alunos, através da sua Associação.

À medida em que tais práticas educativas foram sendo conhecidas, reações diversas iam aparecendo. Algumas, explicitadas por Pais de Alunos em conversas informais ou reuniões formais, sob forma de interpelações ou contestações, foram certamente "contornáveis" — até benéficas —, na medida em que o diálogo foi sincero e pacientemente aprofundado. Tivemos, mesmo, episódios eloqüentes, quando, por exemplo, a reflexão foi gerada por incidentes disciplinares. Devidamente encaminhados pelo Serviço de Orientação Educacional, tais incidentes ocasionaram comovedoras demonstrações de autenticidade e eficiência do sistema, quando devidamente conduzido.

Tivemos, também, casos de "controvérsias radicais". Estas partiram, quase sempre, de membros da própria Comunidade Educacional e manifestaram-se sob forma de atitudes céticas ou zombeteiras, de recusa do diálogo ou de participação. Tais manifestações fizeram-me verificar, sempre mais, que uma Educação verdadeira, portanto libertadora, é fruto de um trabalho de grupo, ou seja, de uma equipe de pessoas cômicas de sua responsabilidade e capazes de aceitar o desafio de uma reeducação pessoal, no respeito e na valorização do outro.

A CHAMA: Muita gente teme a liberdade por considerá-la sinônimo de irresponsabilidade. O senhor, no artigo acima citado, se refere à dificuldade de se ter liberdade com responsabilidade. Se, para o homem ser responsável, é preciso ser livre, como viver essa liberdade num mundo que o oprime de tantas formas?

Pe. ALMEIDA: "A liberdade só existe para quem tem um rumo. Libertar uma pedra nada significaria, se a gravidade não a orientasse para algum lugar. A pedra é libertada pela estrada invisível da gravidade.



Pe. José Pires de Almeida (aqui em companhia de uma das Diretorias da APM) dedicou ao São Vicente os anos mais fortes de sua vida. Só de Diretor foram 13 anos!

O homem é libertado pelas pistas invisíveis do AMOR.”

Esta descrição de liberdade é atribuída a A. de St. Exupéry, o autor de “O Pequeno Príncipe”. O “rumo” e as “pistas invisíveis” significam a responsabilidade, sem a qual teríamos apenas a caricatura da liberdade. Quando se adotou o texto de Medellín como fundamento da Educação do Colégio São Vicente, não houve, quem sabe, suficiente preocupação em bem conceituar a liberdade. Tal lacuna ter-nos-á conduzido a alguns arroubos de liberalismo, com inevitáveis dores de cabeça para os encarregados da disciplina.

Parece-me agora claro que o preço da liberdade é a ascese, sob forma de paciente diálogo, de auto-análise, de humildade aceitação das interpelações, de confissão dos próprios desvios. Nada mais contrário à tendência da nossa sociedade de consumo. O educando capaz de ascese — de impor-se sacrifícios para ser responsável — terá condições de atingir a liberdade interior que nenhuma força opressora ou repressora domará e que oportunamente saberá encarnar-se no compromisso de Fé, no Serviço dos Irmãos, na Política, na formação da Comunidade, etc... E teremos outros Romero e Tristão de Athayde, outros Hélder Câmara e Sobral Pinto, outros M. Luther King e Marcelo Candia...

A CHAMA: Se, quando se fala em Educação Evangelizadora nos termos propostos em Puebla, se pretende libertar o homem para a comunhão e a participação, como engajar o jovem nessa linha evangélica, se a sociedade em que ele vive o induz ao individualismo, ao espírito competitivo e ao consumismo?

Pe. ALMEIDA: O primeiro esforço ou condição é encontrar ou formar líderes capazes, não somente de motivar a juventude, mas de dar testemunho da própria Fé. Na medida em que acredita na pessoa, na testemunha, o jovem participa generosamente e, aos poucos, atinge o nível da comunhão. O engajamento e a participação são o caminho para a reflexão e o diálogo, que já constituem uma etapa de aprofundamento.

Deverá ser permanente a atenção para evitar a massificação. Esta pode introduzir-se mesmo nas formas desinteressadas da participação, gerando a competição e o egoísmo, em vez de encaminhar à libertação.

Como se trata de Educação Evangelizadora, nome com que Puebla rebatizou o texto e o sistema de Medellín, não podemos esquecer que se trata de obra de evangelização; esta, por natureza, navega ao nível da Fé, em plano sobrenatural, não se podendo medir sua eficiência somente por resultados quantitativos.

Não ousaria afirmar que os obstáculos hodiernos à obra evangelizadora sejam mais numerosos ou mais difíceis que os do passado, mas são, sem dúvida, diferentes. Deus saberá proporcionar a ajuda de sua graça à situação atual dos evangelizadores e das pessoas a serem atingidas pela evangelização.

Pelo lado antropológico — a graça supõe a natureza! —, foi importantíssimo para nós da América Latina o aparecimento do documento de Puebla, com a definição-síntese da evangelização: “libertar para a comunhão e a participação”. Não menos importante, o ter assumido a juventude como uma das opções prioritárias da evangelização no presente e no futuro do Continente Americano.

Ainda que seja, pois, difícil mostrar, de modo categórico, “como engajar o jovem nesta linha evangélica”, parece que todas as indicações do mencionado documento de Puebla serão outros fachos de luz a iluminar o árduo caminho da educação evangelizadora, o qual “se fará caminhando”...

A CHAMA: A que missões educativas o senhor se dedicou após deixar a direção do São Vicente?

Pe. ALMEIDA: Dos 4 anos e meio que já vivi depois de sair do Colégio São Vicente, só o primeiro (1980) me proporcionou missão diretamente educativa, junto às Filhas da Caridade da Província de Belo Horizonte. Como fiz pouco mais que iniciar, não posso falar em resultados daquela experiência que me proporcionou, entretanto, reais alegrias, exatamente por se tratar de verdadeira missão de educação evangelizadora. Desde 81, mais remotamente se poderia classificar como educativo o ofício que exerço e que se define, antes, como “assessoria” a nível de animação e governo de nossa Congregação de Missionários de S. Vicente. Ele não deixa de oferecer aspectos pedagógicos: Oxalá eu os saiba aproveitar, através de um desempenho libertador!

PADRE LAURO PALÚ,

O Animador Atual

A CHAMA — Em agosto de 1980 o senhor foi a Roma como deputado dos Padres e Irmãos da Província Brasileira da Congregação da Missão à 36ª Assembléia Geral dos Padres Lazaristas. Nessa Assembléia, o senhor defendeu os princípios da educação dinâmica adotada no São Vicente, enfatizando que o educando deve ser sujeito de sua educação e do seu destino histórico. Qual a receptividade dos seus companheiros de reunião a estes

princípios?

Pe. LAURO: A Assembléia Geral se reuniu para elaborar as Constituições e Estatutos de nossa Congregação, que deveriam ser apresentadas à aprovação da Santa Sé (por meio da Sagrada Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares). O assunto da Educação apareceu duas vezes, em contextos muito importantes.

No artigo 1, que define o objetivo de nossa



Padre Lauro Palú está à frente do São Vicente desde 1980. Por tudo o que já fez, lhe desejamos muitos anos ainda no Colégio!

Congregação, ficou dito que é nossa função, além de “evangelizar os Pobres, sobretudo os mais abandonados”, também ajudar “os clérigos e os leigos na sua própria formação e levá-los a participar mais plenamente na evangelização dos Pobres”. No artigo 29, um dos que enumeram as atividades com que realizamos nosso fim, ficou definido que assumiremos “obras de ensino e educação, onde isto for requerido para se atingir o fim da Congregação”. Neste artigo há três tópicos interessantes: **a abertura para a educação popular** ou informal (“nas famílias, nos lugares de trabalho e até mesmo no âmbito geral da sociedade, onde convivem jovens e adultos”), **o trabalho com Alunos pobres** (“com o objetivo de os promover”, como fazemos com os 350 Alunos do nosso Supletivo de 1º Grau, noturno) e, por fim, **a orientação geral de todo o nosso trabalho em Escolas** (“procure-se inspirar aos Alunos o sentido do Pobre, segundo o espírito do nosso Fundador, São Vicente de Paulo”).

Meu trabalho foi no grupo de língua portuguesa (Províncias de Portugal, Moçambique, Fortaleza, Curitiba e Rio de Janeiro), e nos plenários, melhorando os textos e sugerindo emendas e modos. Sem entrar numa terminologia como essa que vocês citaram, tirada de Paulo Freire, entretanto quisemos que todos os nossos Alunos, além de serem sujeitos do seu próprio desenvolvimento, também tivessem a preocupação com o desenvolvimento social, sobretudo dos mais abandonados, segundo o espírito de São Vicente. Por isto é que dizemos que o nosso objetivo, no Colégio, é formar Agentes de Transformação Social.

A CHAMA — Em setembro deste ano, o senhor retornou a Roma para dar continuidade ao trabalho iniciado em 1980. Que novidades traz para nós deste encontro?

Pe. LAURO: Estive em Roma, agora, como membro da Comissão Preparatória da próxima Assembléia Geral, que se reunirá em 1986. Éramos seis: um indiano, um norte-americano, um francês, um italiano, um espanhol e eu. Nosso trabalho foi o de planejar o que caberá fazer na avaliação geral de todas as obras que nossa Congregação mantém no mundo inteiro, nos cinco Continentes.

Uma de nossas atividades marcantes é a educa-

ção, por exemplo nos Estados Unidos, onde temos cinco Províncias. E deveremos rever o que tem sido o nosso trabalho nas Universidades e Colégios que dirigimos. O critério de avaliação será o que está definido nos artigos 1 e 29 das Constituições, que citei antes, a saber, ver se estamos de fato conseguindo formar nossos Alunos na preocupação com o social, com os Pobres, com um compromisso humanizador.

A CHAMA — Como os Padres e Irmãos europeus e de outras partes do mundo encaram a educação libertadora? Como uma educação permissiva e perigosa, estimulada na América Latina, ou como uma proposta educativa séria e condizente com as transformações do nosso tempo?

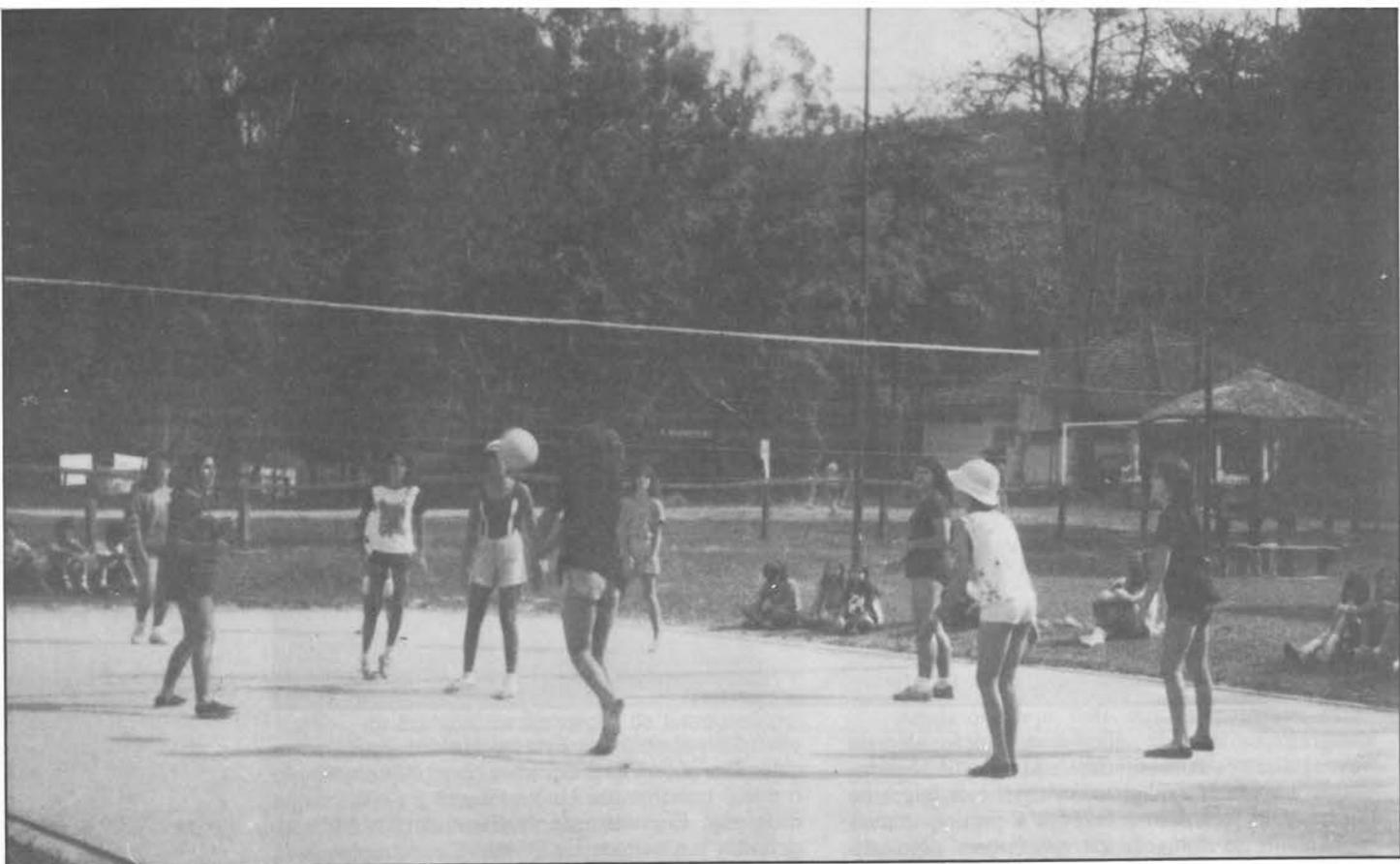
Pe. LAURO: — Não sei bem se esse pessoal todo já ouviu falar em educação libertadora. É claro que os problemas sociais são do mundo inteiro, e em todo lugar há necessidade de formação da consciência crítica e do senso do social.

Agora, penso que, infelizmente, por causa dessa onda contra a Teologia da Libertação, alguns vão achar que a educação libertadora é alguma coisa misturada com marxismo e subversão da ordem social... Pode ser uma boa ocasião para estudarmos muito seriamente o que o Colégio São Vicente propõe quando falamos também em educação do espírito crítico, da responsabilidade social, em educação conscientizadora, personalizadora, transformadora e evangelizadora. Não se pode ser contra tanta coisa boa! Em nome de quê? Com medo de quê?

A CHAMA — Em que medida o Colégio São Vicente vem cumprindo seu papel de agente de uma educação verdadeiramente libertadora?

Pe. LAURO: Na própria pressa da pergunta de vocês eu vejo a urgência de mostrar o que realmente visamos e o modo como pretendemos realizá-lo aqui no Colégio. Mas, em vez de responder mais largamente, vou remeter vocês e os Leitores para o artigo, que vai nesta mesma edição, sobre o Projeto Educacional do São Vicente. Ali se mostra o que visamos, o que já conseguimos, o que falta até hoje, o modo como temos trabalhado e o que sentimos necessidade de fazer, a partir de agora.

Rio, 17 de setembro de 1984



GINCANAS MEXERAM COM TODOS OS ALUNOS E VALERAM A PENA

Já é tradição no São Vicente a GINCANA, que geralmente é realizada no mês de setembro, quando se comemora o aniversário do Colégio.

Neste ano, porém, a festa teve um sabor especial: 1984 é marca dos 25 anos de funcionamento do São Vicente e setembro foi escolhido para a realização das atividades comemorativas.

Entre as várias comemorações, sobressaiu, sem dúvida, a gincana, pelo envolvimento e criatividade dos Alunos.

Neste ano, houve três tipos de gincana, atendendo às faixas etárias dos Alunos do 1º Grau I, 1º Grau II e 2º Grau.

A organização das tarefas fica por conta dos Alunos, que esbanjam "competência" nesta especialidade. Montado o esquema de tarefas e pontos, formaram-se as equipes e a luta começou na semana de 22 a 29 de setembro e de 1º a 6 de outubro.

Durante a semana, o destaque ficou por conta das "danças" no recreio do 2º Grau: samba, gafieira,



Além das gincanas feitas no Colégio, a 5ª série (fotos desta página) realizou um dia especial de atividades, como estímulo não à competição mas à participação.

twist, bolero, tango, discoteca, com os casais devidamente caracterizados, em cima de mesas de ping-pong, fazendo valer suas virtuosidades. Importante, também, a contribuição que as Turmas fizeram, com a entrega de sacolas de gêneros alimentícios, para a distribuição aos Pobres, pelas "Voluntárias da Caridade" do Colégio São Vicente.

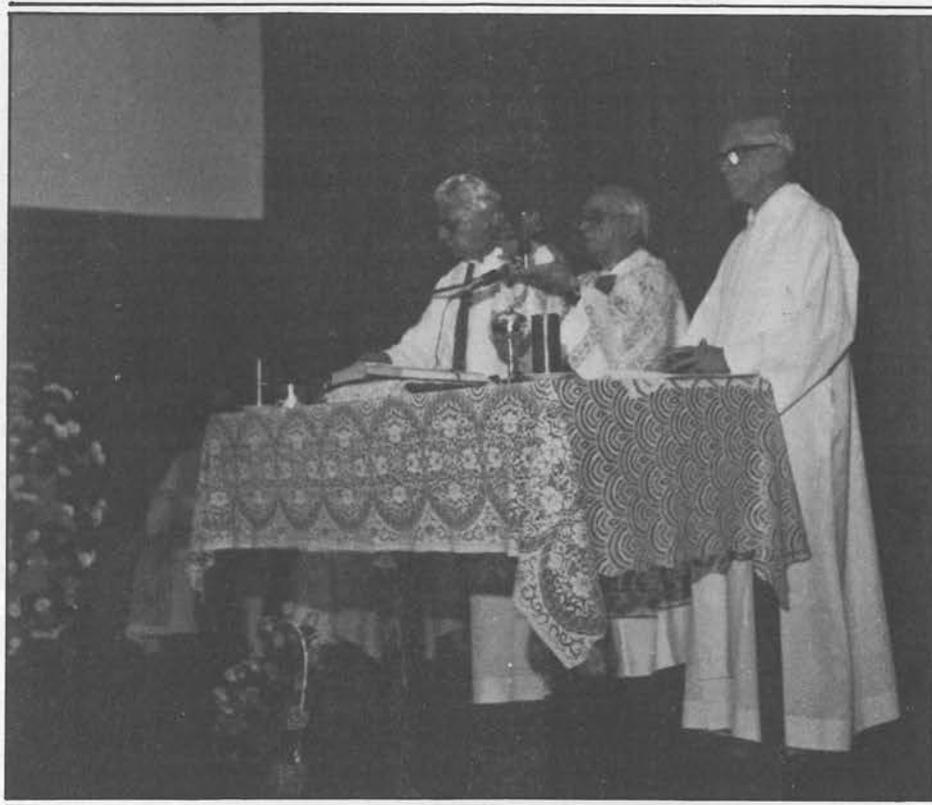
Toda a premiação da gincana foi oferecida pela APM e a motivação subiu, sem dúvida, alguns pontos à medida em que as tarefas classificatórias e eliminatórias iam projetando algumas Turmas, mais organizadas e empenhadas. Na gincana dos "Menores" (1º Grau I), o esquema foi mais rico de atividades pedagógicas e a festa agradou à "Pequenada".

Agradecemos muito a todos os que colaboraram na organização das gincanas e um ou mil gestos de aplauso aos Alunos do São Vicente pelo interesse, alegria de viver, empenho nas tarefas e solidariedade no competir.

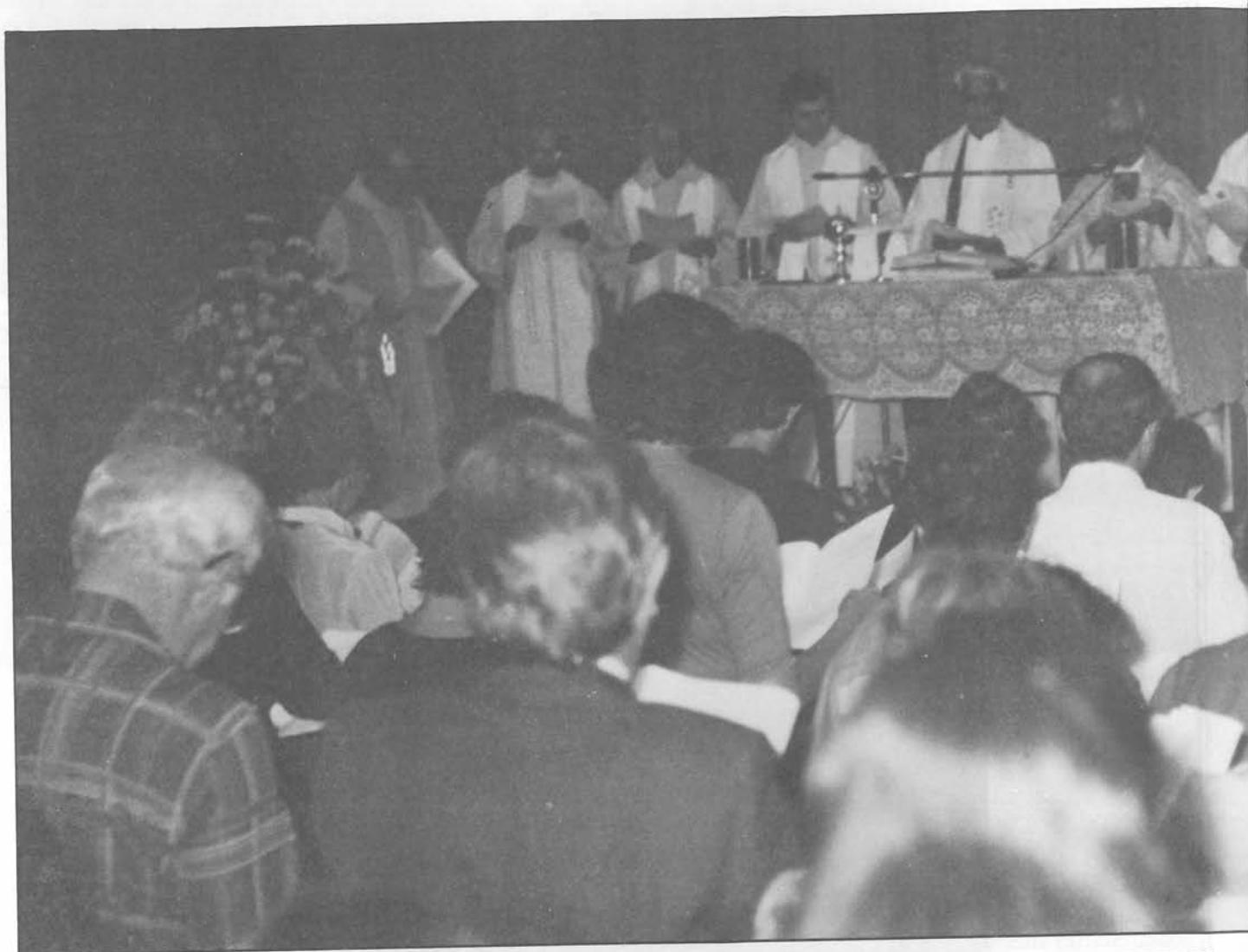
Migdon, Coordenador Comunitário

UM DIA ESPECIALMENTE FELIZ!

Os 25 Anos do São Vicente Foram Comemorados em Reunião de Família



A verdadeira festa dos vinte e cinco anos do Colégio São Vicente foi vivida ao longo de todo este ano gostosíssimo. E foi feita de aulas, provas, recreios, saraus, entrevistas, riso e choro, ciclos de palestras, reuniões de Pais, Conselhos de Classe, excursões, ainda não acabou de acontecer, vai até o fim do ano. Aqui, como símbolo, está uma reportagem da Missa de Ação de Graças, do dia 27 de setembro de 1984, com a recepção e o coquetel que houve em seguida. Também pudemos noticiar nesta edição as gincanas, o encontro dos Ex-Alunos, o ciclo de palestras sobre São Vicente. Houve ainda as missas do Supletivo e dos Alunos de dia, a Crisma, a Primeira Comunhão, as Olimpíadas, o teatro. Nos textos e nas fotos, a saudade da Festa.



*No Auditório, Pais, Alunos,
Professores, Amigos e
Benfeitores do Colégio São
Vicente participam da Missa
de Ação de Graças.*

A Missa de Ação de Graças pelos 25 anos do São Vicente foi presidida pelo Pe. Horta, Fundador do Colégio. Superiores Provinciais e outros Padres Lazaristas e Amigos do São Vicente cercaram o Altar, no agradecimento a Deus por tudo o que já nos deu.

O Coral das Meninas Cantoras de Petrópolis (Colégio Santa Isabel), várias vezes premiado, veio encantar a festa dos 25 anos.

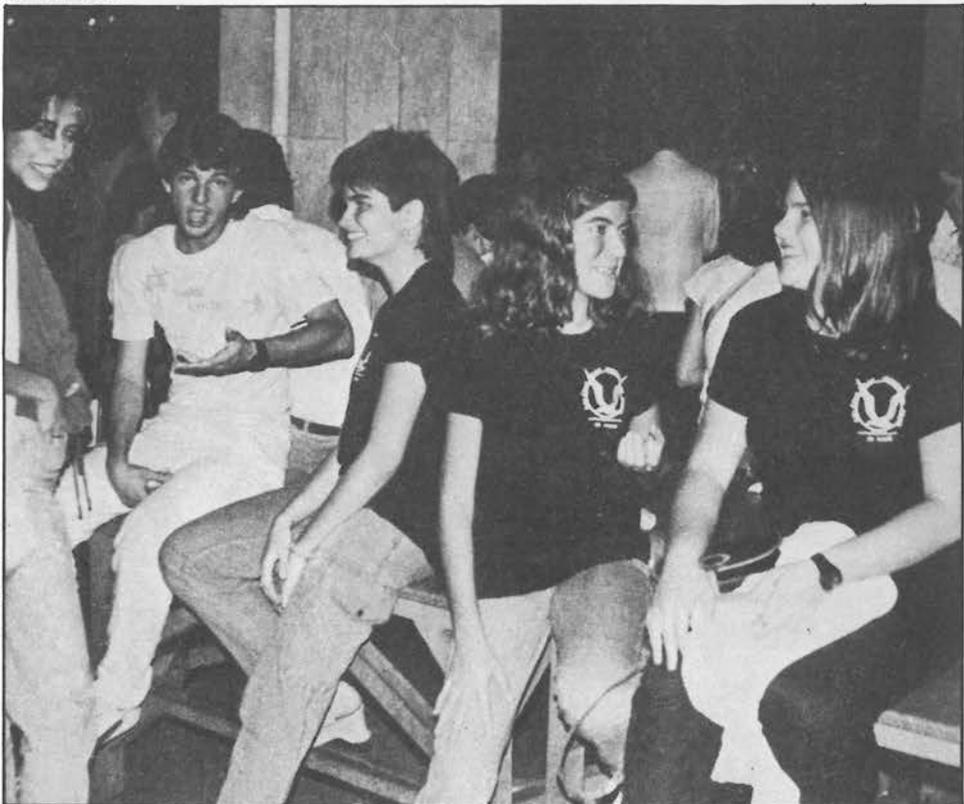




Pe. Domingos e um grupo de Funcionários da Administração, Secretaria, Mecanografia e Departamento de Pessoal.



Gente boa e bonita não faltou na festa! A alegria comemorava o trabalho de cada dia, feito com dedicação.



Os Alunos também participaram da alegria: Mariana (E), Jorge Roberto, Paula, Renata, Susana, na mesma satisfação de "ser" São Vicente!



Vilma Pedrosa e Antônio W. Fontoura Chaves são Ex-Professores, que vieram matar saudade (e a sede...), e o fazem junto à boa fonte: Padre Guerra!



Parentes e amigos se uniram aos Professores e Funcionários, no coquetel de comemoração dos 25 anos.



NO dia 27 de setembro comemoramos com uma bonita festa os 25 anos do Colégio São Vicente de Paulo.

Foi uma ocasião em que o passado se misturou ao presente, já que à festa compareceram também ex-Alunos, ex-Professores e ex-Funcionários. Ligada à alegria da data houve, portanto, a alegria do reencontro de velhos amigos.

O auditório onde se celebrou a missa estava lotado. Havia em torno de quinhentas pessoas. Foram concelebrantes os Padres Alpheu Custódio Ferreira, Superior Provincial, Joaquim da Silveira Horta, fundador do Colégio e celebrante principal da missa, Pe. José Salles Júnior, Superior Provincial à época da fundação do Colégio, Pe. Francisco Xavier do Amaral Guerra e Pe. Geraldo Humberto Venuto da Silva, que dirigem o Colégio atualmente, com o Pe. Lauro Palú.

Como fundo musical houve a

participação das Meninas Cantoras de Petrópolis, que executaram trechos de músicas clássicas e cânticos gregorianos da liturgia de São Vicente. Ao final, cantou-se um hino de São Vicente. A cerimônia foi toda filmada em Video-Cassete.

Deve-se destacar o número de comungantes, a participação dos fiéis e o sermão do Padre Lauro Palú. Deve-se destacar também a boa qualidade dos textos.

A primeira leitura foi um trecho de uma conferência de São Vicente de Paulo, em que ele diz que não devemos julgar os Pobres por sua aparência física; São Vicente nos ensina a olhar para dentro das pessoas e procurar ver transluzir sua essência espiritual.

A segunda leitura foi tirada da Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios, que é uma apologia do amor autêntico, um sentimento superior que não é suscetível ao ódio, ao orgulho e à inveja.

E o Evangelho foram as bem-aventuranças que, como disse o Padre Lauro Palú, em seu sermão, são quase que uma tábua da lei, um programa de vida para o cristão. São também as bem-aventuranças um projeto de transformação social. É a partir dos valores de Cristo, expressos nas bem-aventuranças, que se norteia o objetivo principal do Colégio — o de formar agentes de serviço ao próximo, verdadeiramente dinâmicos e socialmente engajados na luta por um mundo melhor.

Enquanto os adultos participavam da missa, recepcionistas entretinham as crianças no pátio.

Em seguida, houve um **cocktail** sob os pilotis. Lá todos se confraternizaram com vinhos e salgadinhos preparados pelo **Buffet** de Isidro S. Rodrigues.

Padre Lauro Palú percorreu o pátio várias vezes, cumprimentando os convidados. Afinal, estes é que fizeram a festa, estes é que fazem a Família do São Vicente, uma Família dispersa pelo mundo mas unida no sentimento de humildade, de justiça e de amor ao próximo.

Thais A. Oswald

Pelo visto, o que mais se fez na festa foi pôr as fofocas em dia! O verdadeiro prazer da vida é a convivência.



Sívio (E), Mauro, Paulo e Valmir, Funcionários, Aluno e Professor, sem distâncias, a mesma Família bacana!

Padre Lauro Anunciou a Mensagem do Patrono, São Vicente de Paulo

“À condição que seja uma viagem ao futuro a partir do presente e em função dele, o sonho utópico dá saúde e vigor à prática. Daí a importância de a comunidade viver momentos de poesia e celebração do futuro absoluto” (Frei Clodovis Boff, em “Como trabalhar com o Povo”, p. 96)

O que nos reuniu, nesta noite, e está enchendo de alegria e força nosso coração e nossos olhos é o desejo de fazer, diante de Deus e da vida, uma celebração agradecida pelos 25 anos deste nosso querido Colégio São Vicente de Paulo.

Com alegria queremos ver os 25 anos do passado e olhar igualmente o futuro, numa atitude dupla: agradecimento e compromisso. A consciência do muito que já fizemos neste Colégio se completa com a dos desafios que ainda restam, com a necessidade de assumir nossa missão.

Nas três leituras desta liturgia, há todo um programa de vida, um projeto de educação individual e social, para o crescimento de cada um e o amadurecimento do mundo.

São Paulo falou-nos da Caridade, exaltando suas dimensões divina e humana, que vão da coragem ao perdão, da confiança à paciência e se chamam com os nomes da humildade, do devotamento, da capacidade de se renovar no amor e crescer na generosidade e na fidelidade. Mais forte que dar nossos bens e repartir coisas, mais humanizador que se deixar levar até à morte por uma idéia ou uma causa, é amar, amar profundamente, com um coração ao

mesmo tempo livre e encantado, com um amor fiel, criativo e libertador.

O Evangelho nos apresentou as bem-aventuranças, o programa de vida que Cristo nos propõe, quase uma outra tábua da Lei, uma nova aliança com o Deus que entra em nossa história para nos libertar, Deus político, Deus de mãos sujas e calejadas de tanto levantar-nos e de tanto se engajar conosco.

No correr dos tempos, houve quem fizesse leituras ideológicas e interesseiras do Sermão da Montanha, em especial destas bem-aventuranças. Houve quem lesse estas frases como apelo à acomodação, à passividade, à ordem, à disciplina, ao respeito. Mas não é isto que significam as primeiras ordens de Cristo, sua primeira proclamação de caminhos novos, seu esforço de superar por completo os esquemas antigos e propor valores renovadores e revolucionários.

Por exemplo, Cristo proclama bem-aventurados os pobres de espírito, como os donos do céu, isto é como os que, realizaram o sentido da história, não porque não têm nada e são carentes, talvez até sófregos, de bens, de posse, de segurança, de significação, mas porque são abertos para os outros, para o transcendente, o absoluto, porque capazes de sobriedade e sobretudo da solidariedade libertadora e transformadora. Bem-aventurados os mansos, não enquanto fracos, os que deixam os outros tomarem conta, mas os que são dotados de uma força interior tão grande que primeiro nos dominamos, de uma força interior tão profunda que nos dá a segurança corajosa e confiante, que não precisa atacar. Os pacíficos não são os covardes, os que fogem; são antes os que lutam para construir a paz, sabem seu gosto, conhecem sua força e se embriagaram de sua bênção. Não são, portanto, atitudes passivas, mas a grande coragem, a definição pessoal e coletiva por um projeto de mundo fra-

terno e humanizador. Não são atitudes de alienação, deixar por conta de Deus, porque, de fato, só alcançarão o Reino dos Céus os que descobriram em nosso mundo concreto, igualmente frágil e magnífico, o começo do Reino definitivo, sua primeira fronteira, sua dimensão menos enganosa, quem sabe mais difícil e também mais desafiadora.

E podemos ler este trecho das bem-aventuranças também como anúncio do que será o mundo quando todos respondermos a este desafio. Isto é, não vamos ler as bem-aventuranças como mandamento e lei, mas como evangelho, como boa nova, anúncio de liberdade, aventura interior e caminho fraterno.

E agora o texto de São Vicente que ouvimos ler, o coração tomado de espanto ante a coragem de quem soube virar a medalha, pelas luzes da fé, e enxergar para além das aparências a realidade mais inesperada e questionadora. Nesta luz, o que vemos não é mais a casca ou o enganoso da simpatia ou do nojo. O que o coração tomado de espanto perceberá é que o Cristo continua em agonia até o fim dos tempos, a coroação de espinhos ainda sangrando sua fonte, os chicotes sempre lanhando sua carne, a paixão sendo todos os dias, sem termo, sem trégua, quer se chame preconceito racial ou social, quer se trate de desemprego, fome, insegurança, perseguição, discriminação, marginalização, violência, envenenamento, analfabetismo, erradicação de favelas sem se buscarem as raízes da favelização, e tudo aquilo de que estão cheias as folhas de jornais, as nossas pupilas, as delegacias, de que está cheia a paciência dos Pobres.

É à luz destas palavras de Deus e de nosso patrono e inspirador que devemos interrogar-nos, agora, sobre o que significa o objetivo de nosso Colégio: Formar agentes de transformação social, a partir dos valores humanos que Jesus Cristo viveu e ensinou e que a

Igreja nos apresenta como fermentos de transformação social.

Mais que tudo, talvez primeiro que tudo, vai impor-se a todos nós a necessidade de modificar nossa visão de pobreza, que não é um problema individual, mas a consequência social de estruturas injustas. Se não dermos este passo de consciência, seremos tentados a partir para soluções de dó, piedade, compaixão, comiseração, misericórdia, o que for, mas sempre soluções inadequadas, assistencialistas, paternalistas, que reduzem o Pobre a objeto de nosso zelo, a meio de ganharmos um céu porque pensamos ter feito caridade.

Se não dermos este passo de consciência, não veremos que a pobreza é fruto das estruturas, que nos cabe transformar, numa missão que tentaremos executar, instrumentados pelo que São Vicente de Paulo nos ensinou.

Quero comentar o que penso ser uma lição fundamental de São Vicente, para todos nós. Com a mesma coragem com que ensinava as Irmãs de Caridade a deixar a oração e a missa, para atender um doente, certas de que deixavam Deus por Deus, — com a mesma concretude com que nos dizia: “Amemos a Deus, meus irmãos, amemos a Deus, mas que seja com o suor de nosso rosto e a força de nossos braços”, — com a mesma fidelidade que o fazia não querer pisar com o pé senão onde Deus o punha, — São Vicente também abriu caminhos e desencadeou processos transformadores. Citarei só um exemplo: falando às Irmãs de Caridade, São Vicente lhes disse: “Vocês terão por mosteiro a casa dos doentes; por cela, um quarto de aluguel; por capela, a igreja da paróquia; por claustro, as ruas da cidade; por clausura, a obediência; por véu, a santa modéstia; por grades, o temor de Deus; por profissão, a confiança contínua na Providência, a consa-



O Diretor, Padre Lauro Palú, saudou os participantes da festa e destacou a mensagem essencial de São Vicente de Paulo para toda a Família do Colégio.

gração de tudo o que vocês são” (S.V.P., Coste, X, 661, cit. por Dodin, St. Vincent de Paul et la charité, p. 38).

E aí está: em lugar de todas as estruturas da vida religiosa (convento, claustro, clausura, hábito, grades e votos), São Vicente põe atitudes de serviço. Em lugar de estruturas, atitudes de serviço! Que liberdade interior! E que dinamismo de libertação!

Ainda nesta semana, aqui neste auditório, uma Diretora de Colégio nos perguntava, no ciclo de palestras sobre São Vicente de Paulo, sobre o modo de levar os Alunos a superar as formas do assistencialismo, chegando, porém, a alguma ação solidária concreta. Nosso problema é a pedagogia do engajamento social, a educação da fraternidade. E, como a própria agudeza de nossa análise e crítica social, que vê nas estruturas sociais a raiz das formas sempre renovadas da pobreza, nos faz ver que ação também precisa ser sobre as estruturas, para ser eficaz, é preciso, para não ficarmos na crítica profunda, estéril e esterilizante, partirmos para o que São Vicente nos ensinou: em vez de estruturas, de fidelidade às estruturas, tenhamos atitudes de serviço.

É este o claro caminho, o método, a ação transformadora que somos chamados a desencadear neste Colégio, fiéis às inspirações de sua fundação, há 25 anos e aos apelos dos Pobres hoje.

Termino com estas palavras do Papa Paulo VI, dirigidas a nós, Padres Lazaristas, durante nossa Assembléia Geral de 1974, e que podemos estender àqueles que nos foram confiados como Alunos pelas Famílias e que temos a missão de formar neste espírito: “Numa civilização técnica avançada, que gera paradoxalmente formas novas de pobreza, vocês continuam a ser a esperança dos Pobres”. Assim seja!

Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1984

FESTA DE SAUDADE ALEGROU E COMOVEU OS ANTIGOS ALUNOS



A volta dos Ex-Alunos ao Colégio São Vicente significou um reencontro com os Formadores, com os Colegas, com a própria infância. Um encontro com a felicidade!

O Colégio São Vicente de Paulo já pode falar em “antigo” Ex-Aluno. São vinte e cinco anos de existência — 1959-1984 — com dezoito Turmas concluintes no 3º ano do 2º Grau. Matricularam-se no São Vicente, nestes 25 anos, 7.029 Alunos, dos quais 1812 concluintes.

Como parte das comemorações do jubileu de prata, tornou-se importante convocar os Ex-Alunos, sobretudo os mais antigos, para um “encontro e confraternização”. Isto aconteceu no dia 6 de outubro próximo passado. Foi intenso o trabalho de duas Secretárias, para atualizar os endereços de todos aqueles que, por um motivo ou outro, haviam perdido o contato com o Colégio. Tarefa cumprida com absoluto êxito, contataram-se alguns que residiam inclusive no Exterior.

A noite do dia 6 começou tranquila e aos poucos a alegria e a emoção foram enchendo o pátio do



São Vicente. Muitos estavam voltando às raízes de sua vida e um mundo de recordações começou a brotar: eram coisas, eram pessoas, eram fatos, eram simples pedaços de sua vida.

Em meio a abraços, risos, velhos Mestres e sempre novos Alunos “curtiem” a alegria do reencontro com o “seu” São Vicente.

Houve uma informal recepção: chopp, batatas fritas e salgadinhos, ao som de sucessos dos anos 60.

A festa durou até às primeiras horas da manhã e o chopp também.

Cabe aqui um agradecimento a todos os Ex-Alunos, Professores, Funcionários e Amigos que estiveram presentes e a todos aqueles que contribuíram para o sucesso desta atividade comemorativa dos 25 anos do Colégio São Vicente.

Migdon,
Coordenador Comunitário

Favela e Creche Também São Desafio para Nós



Durante o ano, os Alunos do Colégio fazem algumas "campanhas" para ajudar estas Crianças do Morro da Providência, na Creche São Vicente de Paulo, onde as Irmãs se dedicam com um amor carinhoso que faz crescer e amadurecer.



Situada no Morro da Providência e inaugurada no dia 20 de janeiro de 1979, a Creche São Vicente de Paulo, em abril daquele ano, acolhia 13 crianças e, num processo de admissões por etapas, foi ampliando esse atendimento até chegar, em dezembro de 1979, a 97 crianças, todas providas de regiões próximas. Hoje o número de beneficiários atingiu 142 crianças (70 meninos e 72 meninas).

Mantém convênios com a FEEM (Fundação Estadual de Educação do Menor do Rio de Janeiro), LBA (Legião Brasileira de Assistência — Creche Casulo) e OMEP (Organização Mundial de Educação Pré-Escolar).

FINALIDADES E ENTIDADE MANTENEDORA

As finalidades da Creche São Vicente de Paulo são:

1 Proporcionar às crianças de famílias carentes, na faixa etária de três meses a seis anos, de ambos os sexos, no regime de semi-internato, os cuidados necessários ao seu desenvolvimento integral.

2 Oferecer às mães das crianças admitidas na Creche a oportunidade de exercerem um trabalho remunerado, de modo a aumentar a renda familiar.

3 Oferecer à Comunidade local os conhecimentos básicos necessários para uma melhor qualificação individual e profissionalizante, facilitando a sua autopromoção.

A entidade mantenedora dessa obra

social é o Conselho Superior do Brasil da Sociedade de São Vicente de Paulo.

SEÇÕES, PROFISSIONAIS CAPACITADOS E HORÁRIO

A Creche possui as seguintes seções:
Berçário — três meses a dois anos;
Maternal — dois a quatro anos;
Jardim de Infância — quatro a seis anos.

Funciona diariamente de 7h30min às 17h30min.

Conta com os seguintes profissionais capacitados: médico, assistente social, nutricionista, pedagoga, professoras e 4 irmãs da Congregação das Missionárias Reparadoras do Coração de Jesus, de Sobral, Ceará. Até 1983, a Direção da Creche era exercida pelas Voluntárias da Caridade.

A PALAVRA DO PROVIDOR E DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO MORRO DA PROVIDÊNCIA

Conversamos com o Sr. Leocádio Araújo Sabino, Provedor da Creche e Vice-Presidente do Conselho Superior do Brasil da Sociedade de São Vicente de Paulo. Ele nos falou da sua preocupação e da de seus confrades quanto a um atendimento pedagógico que se estenda até a alfabetização, oferecendo às crianças a oportunidade de um prolongamento em seu estágio de formação integral, antes do ingresso nas escolas públicas do Estado.

Através de Léa Rocha Lima, antiga



Provedora da Creche e sempre atuante e dedicada Voluntária da Caridade, entramos em contato com o Sr. Adelson Monteiro, Secretário de Obras da Associação de Moradores do Morro da Providência. Muito apoiado pelo pessoal da Creche, ele e seus companheiros estão agora, num regime de mutirão, construindo a sede de sua Associação de Moradores.

Em todos, a dedicação ao trabalho e à caridade participativa do Patrono São Vicente de Paulo.

Regina N. B. Nascimento



Quatro capas desenhadas por LULA, filha de Maria Célia Bustamante, criadora de nossa Revista. História de um passado bonito.

A CHAMA CUMPRIU SUA FINALIDADE DE COMUNICAR

É o órgão de irradiação do espírito que constitui o fundamento filosófico do Colégio São Vicente.

Foi criada por uma ex-vice-presidente da A.P.M., Maria Célia Bustamante.

A “mãe” da A CHAMA sentia que a comunicação dos Pais com o Colégio era déficiente. Não existia um veículo através do qual se trocassem idéias e por meio do qual os Pais pudessem manter-se informados sobre o que acontecia no São Vicente.

O primeiro número foi lançado no dia 27 de setembro de 1973, dia da festa de São Vicente de Paulo, Patrono do Colégio.

O nome A CHAMA, explicou Maria Célia Bustamante, em recente entrevista, simboliza o fogo, algo que é repartido, algo que transmite calor. E calor é vida!

Sob o aspecto religioso, o fogo é o símbolo do amor de Cristo; quanto mais difundido, mais aquece. A chama, ao se dividir, nunca diminui. Ela difunde, simbolicamente, vida e amor.

A APM NASCEU E CRESCEU COM O SÃO VICENTE

“É necessário informar para se tornar conhecido; sendo conhecidos, podemos ser compreendidos e, sendo compreendidos, podemos ser amados”.

Aristóteles

A Associação de Pais e Mestres foi criada com o objetivo de divulgar a Filosofia Educacional do Colégio São Vicente de Paulo. Seu lema é o de “informar para ser compreendido” e poder contar com a participação dos Pais.

Nos primeiros Estatutos, estavam bem definidas a finalidade, natureza e organização desta agremiação. Mais tarde, então, surgiram os pormenores funcionais e a especificação da filosofia que a rege.

A A.P.M. pretende estabelecer uma ativa colaboração dos Pais no processo educativo e informativo dos Alunos. Pode ser considerada, portanto, como um órgão de defesa e valorização da Família e de convivência entre as Famílias pertencentes à grande Família do São Vicente.

Antes da A.P.M., os Pais não tinham acesso às decisões administrativas do Colégio. Estas eram centralizadas e tomadas pela direção.

Com a criação da A.P.M., foi possível que seu conselho de sete membros tomasse



A Diretoria da APM reúne-se mensalmente com a Direção do Colégio, para animar a participação dos Pais na Escola.

parte, por exemplo, na decisão de comprar o terreno contíguo ao Colégio, de colocar aparelhos de ar condicionado nas salas de aula, de colocar um sinal luminoso em frente ao prédio do Colégio.

A presença da A.P.M. se faz sentir também no setor cultural, promovendo conferências, mesas-redondas, círculos de estudos, debates, tudo, enfim, que possa enriquecer o conhecimento e o senso crítico dos Educandos.

Não podemos falar na A.P.M. sem mencionar o nome de um de seus ex-Presidentes, grande benemérito da Casa: Austregésilo de Athayde.

Foi presidente da Associação dos Antigos Alunos Lazaristas e, para perpetuar o

espírito lazarista, que prega a humildade e a tolerância, a compreensão, o respeito à individualidade e a liberdade dos outros, ajudou a fundar o Colégio.

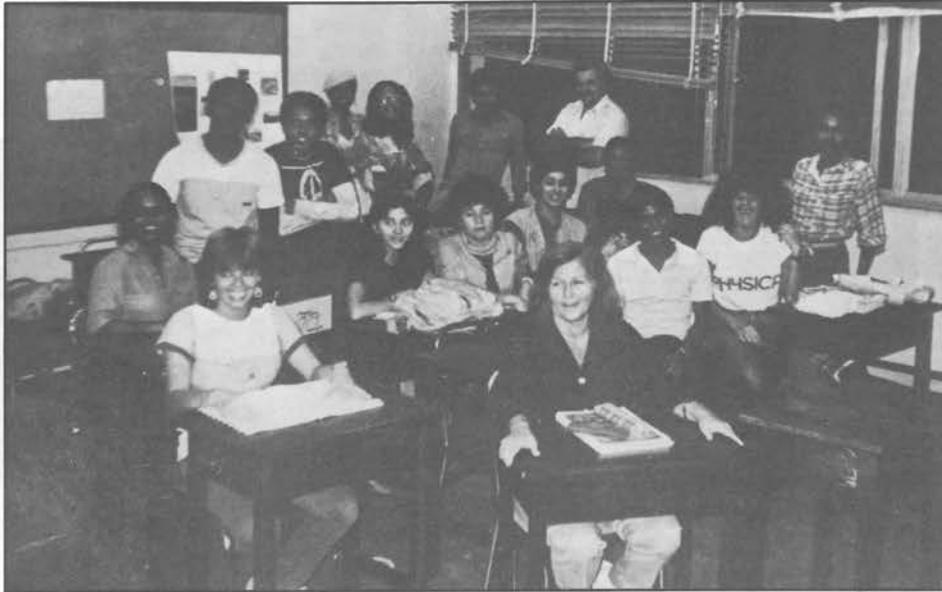
“Minha idéia era fundar uma organização dos lazaristas menores, dar projeção, no mundo leigo, àquelas virtudes, àqueles acontecimentos da Moral específica que constituem o espírito de São Vicente de Paulo”, disse ele em seu discurso na festa dos vinte anos da A.P.M.

“Todas as pessoas desejam ser tratadas com doçura”, nos dizia São Vicente de Paulo. É dentro desta idéia que se criou o São Vicente; e é dentro desta idéia que a A.P.M. age, irradiando os valores vicentinos para as Famílias dos Alunos.

O TESOURO ESCONDIDO

Supletivo Noturno:

Dimensão Importante do São Vicente



O supletivo do São Vicente foi criado para instruir pessoas que não tiveram condições de estudar na infância. Atende a uma faixa etária de quinze a setenta anos.

Foi inaugurado em 23 de abril de 1973, para dar apoio a um curso livre que funcionava no morro do Catumbi e que era vinculado ao São Vicente.

Desde 1969, dois coirmãos da Comunidade, Padres Dario Nunes e Hugo Paiva, passaram a residir no Catumbi para poder exercer uma pastoral mais direta e ajudar melhor aquela gente. Começaram as aulas noturnas, parte no morro e parte na Paróquia da Salete. Pais, Alunos e Professores do Colégio passaram a

ajudar os Padres nessa tarefa.

Surgiu daí a idéia de se fazer no Colégio um Curso semelhante ao do Catumbi e a Equipe de lá colaborou na organização do Supletivo de cá. Em primeiro lugar surgiram as classes de alfabetização e quatro primeiras séries de primeiro Grau, com cerca de duzentos e cinquenta alunos.

Hoje, onze anos depois, matriculam-se em média trezentos e cinquenta alunos por ano e o Curso abrange o 1º Grau completo (da alfabetização à oitava série).

A complementação cultural é dada com consultas à biblioteca, trabalhos de pesquisa e de grupo.

O Corpo Docente é formado por dezenove Professores, um Coorde-

nador Pedagógico, um Coordenador Administrativo, dois Coordenadores Verticais para Português e Matemática e um Coordenador Comunitário, que se reúnem uma vez por semana para rever e avaliar o trabalho feito.

Este ano, foram introduzidos, como extraclases, cursos de crochê, tricô, bordado, manicure, pintura, eletrônica. Em agosto, criou-se um curso de formação religiosa, através de debates e de reuniões sobre temas de formação moral do indivíduo.

Promovem-se com os Alunos uma festa junina e uma excursão; assim sendo, procura-se dar uma dimensão mais ampla ao conceito de educação, uma educação que implica participação, integração psicossocial do educando e conscientização.

Paulo Freire, em "Educação como Prática da Liberdade", nos fala de uma "educação para a decisão, para a responsabilidade social e política, versus uma educação acalentada pela sonoridade da palavra, pela memorização de trechos, pela desvinculação da realidade". A primeira é "sonora", "não comunica, faz comunicados", faz com que nos tornemos ingênuos e superficiais. A segunda nos leva à comunhão e à indagação; ensina-nos a questionar e não meramente a confirmar as verdades transmitidas a nós.

Dialogar, conscientizar, formar integralmente é o que pretende a obra educacional do Supletivo que, dentro do espírito vicentino, se volta para as Classes Populares e convida-as a serem conscientemente participantes de nossa cultura.

GENTE BOA DE A GENTE FALAR!

UM “PAPO” COM OS DE CASA E SEUS DEPOIMENTOS

Claro que todo mundo desejava falar, tanto que cada um gosta do que faz. Mas não dava, apesar do tanto que esta Revista cresceu. E fomos subindo escada, abrindo salas, sentando-nos nos corredores, encontrando-nos por acaso com o mais feliz, com a mais esperançosa.

Além dos da Casa, ainda teríamos os Ex-Alunos, os Professores e os Funcionários antigos. Conversamos com um Casal de Ex-Alunos, Paulo e Cecília Valença, hoje Pais de Alunos, e com um Ex-Professor muito querido, o Tedesco.

NINA

Coordenadora do 1º Grau

Nina coordena: concilia a execução de um projeto educativo com aspectos administrativos desse projeto, dentro de uma perspectiva libertadora.

Há 6 anos no São Vicente, a Coordenadora do 1º Grau, de 3ª à 8ª série, Nina Maria Vernes da Cunha, muito explícita em sua exposição, conversou conosco com ternura, simplicidade, inteligência.

A CHAMA: Os leitores de nossa Revista, por certo, estão querendo saber o que é, especialmente, coordenar um dos setores do São Vicente.

Nina: Ao chegar ao Colégio, há 6 anos, recebi uma proposta de trabalho voltada para a supervisão. Verifiquei, porém, que não havia espaço para se fazer, exclusivamente, supervisão. O trabalho aqui envolve aspectos de supervisão pedagógica e aspectos administrativos. É um trabalho de coordenação. Não se pode fazer, apenas, orientação pedagógica em função de uma linha filosófica da escola. É necessário atender, também, a parte de execução administrativa desse projeto, como, por exemplo, confeccionar horários, verificar ou suprir o atendimento nas salas de aula, enfim, toda uma parte de organização.

A CHAMA: Sabemos que você se empenha com dedicação nessas duas funções. Qual delas é merecedora de um carinho especial de sua parte?

Nina: Estes dois aspectos, embora



pertinentes à mesma função, quando integrados numa só pessoa, às vezes, absorvem muito. Eu valorizo mais o aspecto pedagógico e procuro não me perder na parte administrativa.

A CHAMA: Como se define essa orientação pedagógica que requer tanto a sua atenção?

Nina: Considero a parte de maior valor do meu trabalho a idéia filosófica do Colégio, que é a de formar agentes de transformação social, dentro de uma metodologia de uma Educação Libertadora, buscando seguir, dentro do trabalho de Coordenação, uma linha coerente com essa filosofia. Procuro coordenar com os Professores e não dirigir os Professores. Estou sempre ouvindo suas considerações, refletindo com eles, tentando, juntos, interpretar essa filosofia, realizando um planejamento participativo, com avaliações e reformulações constantes.

A CHAMA: O processo educativo baseado numa visão libertadora é, essencialmente, dinâmico, aberto, criativo. Algumas pessoas cobram de você uma atitude diretiva ou um tipo de projeto acabado, vindo de cima para baixo?

Nina: Uma orientação diretiva não é coerente com a linha de pensamento do São Vicente, que é participativa. O nosso trabalho obtém frutos a longo prazo. Eu percebo que, muitas vezes, por parte das Famílias, de alguns Professores e de vários grupos com que convivemos no Colégio, há uma certa pressão para que apresentemos um projeto pronto, uma espécie de roteiro para execução. Considero que é, também, da minha função levar as pessoas a refletirem, a se questionarem, e a criar. Cada Professor tem, no nível de sua especialização, a possibilidade de realizar um trabalho de criação e de participação. Nesse sentido, procuramos facilitar os meios para que ele o realize, como, por exemplo, ensejando que entre em contato com elementos que aprimorem seus conhecimentos, como leituras, grupos que lhe aprofundem a reflexão teórica ou lhe arranjam o material de que necessita.

A CHAMA: É junto à Direção do Colégio, qual o papel de um Coordenador?

Nina: Deve ser um veículo de aproximação entre os sentimentos dos Professores e os dessa Direção.

A CHAMA: Com relação aos Alunos, como atua a sua Coordenação?

Nina: Atua através dos Professores, do SOE e do setor de Disciplina. O

trabalho principal junto aos Alunos é feito pelo SOE. Não tomo nenhuma decisão referente aos Alunos sem consultar o SOE. Quanto à Disciplina, debatemos muito com este setor do Colégio sobre como ela deve ser entendida numa perspectiva de Educação Libertadora e chegamos à conclusão de que todos são co-responsáveis pelas coisas que acontecem.



DINAH

Administração

A CHAMA: Fale um pouco sobre a função do setor administrativo do São Vicente.

Dinah: O setor de Administração é responsável pela infra-estrutura do colégio, no que se refere à parte empresarial, abrangendo, portanto, os mais diversos setores. É daqui que partem as decisões que influirão no bom andamento do Colégio, não como escola propriamente dita, mas como empresa. A par deste serviço administrativo, procuramos prestar um pouco de assistência social aos Funcionários, que têm toda liberdade para nos expor seus problemas, mesmo os de caráter particular. Na medida do possível, procuramos resolvê-los.

A relação empregador X empregado se faz sentir, aqui no São Vicente, de uma maneira muito familiar. Afinal, é aqui que passamos a maior parte do nosso dia e é necessário que procuremos tornar o nosso ambiente de trabalho mais agradável e fraterno. Eu gosto daquilo que faço e procuro fazê-lo com todo amor.



ROZANI

Secretária do Padre Lauro

A CHAMA: Trabalhar no São Vicente mudou sua visão de vida?
Rozani: Senti uma grande diferença, quando comecei a trabalhar aqui. O ambiente é mais aberto do que nos outros lugares onde trabalhei. Aqui, os Alunos falam e são ouvidos; há uma grande união e igualdade de tratamento para com os Funcionários. Os Diretores são acessíveis, o que nos dá muita segurança e nos faz sentir-nos à vontade, em casa, não nos esquecendo de nossas responsabilidades.



SÉRGIO

Ascensorista

A CHAMA: Como é o clima de trabalho no Colégio?
Sérgio: Sinto que reina um grande espírito de igualdade aqui. O elevador é um ponto de encontro de Funcionários, Alunos, Professores. Pelo que posso ver, o clima é de descontração e amizade. Um Professor, por exemplo, me chama de Djavan!

PAULA FRANCINETTE

Secretaria

Paula Francinette nos fala de um Colégio/Lar, que se entrelaçou com a sua própria vida. Do primeiro dia de aulas relata um fato pitoresco, devido aos desencontros da primeira hora.

Paula Francinette Gurgel Fernandes, hoje emprestando sua colaboração à Secretária do São Vicente, para ele veio no dia 1º de fevereiro de 1959, antes de sua inauguração, e pode olhá-lo, agora, numa retrospectiva. Nesses 25 anos, as lembranças se sucedem: novidade, expectativa, enganos, inexperiência, acertos, esperanças, alegrias, tristezas, saudade, presença. Presença de amigos do



passado e de hoje. Presença de companheiros que com ela viveram os momentos iniciais deste Colégio: Gerson, Darcy, José Eugênio, Olga.

A CHAMA: Nos primeiros passos do São Vicente há fatos que provocaram espanto e, depois, o riso. Nossos leitores gostarão de rir, também, com você, ao tomarem conhecimento de algum deles.

Paula: No primeiro dia de aulas, o Colégio ainda estava em obras, não havia pátio e só as salas de aula estavam prontas. As Crianças, que ainda não tinham uniforme, brincavam e lanchavam nos corredores. Ninguém conhecia ninguém. Naquele tumulto inicial, uma Funcionária, que havia sido secretária do Pe. Horta na Fundação Leão XIII, se prontificou a nos ajudar, fazendo de tudo um pouco, como todos nós. Naquele dia, ela se dispôs a acompanhar um dos nossos ônibus escolares e, num determinado endereço, que nos fora dado, esse ônibus recolheu um garotinho, que estava parado na porta do prédio. Desde o momento em que o menino entrou no ônibus não parou mais de chorar. Nós imaginávamos que isso era devido ao seu primeiro dia de aulas, ou por ele ainda não conhecer o Colégio. Nada disso. Depois de chorar muito, ao ser consolado por nós, ele revelou: seu colégio era outro...

D. ZEZÉ

Biblioteca

“É preciso um jeito especial para conversar com os Alunos: sempre em voz baixa, quase como se tratássemos de um problema individual”.

D. Zezé

Dez anos no São Vicente, Maria José Bustamante Soares trabalhou no Supletivo, lecionando Moral e Cívica e como suplente do SOE. Atualmente na Biblioteca, os Alunos têm nela uma pessoa atenciosa e competente, supervisionando um setor que exige habilidade e paciência.

A CHAMA: Os alunos lhe dão preocupação quando vêm à Biblioteca?
ZEZÉ: Os Alunos, muitas vezes, vêm à Biblioteca pensando encontrar uma sala de recreação. Quando os fazemos compreender que a Biblioteca é um local de trabalho, de reflexão, de pesquisa, há uma reação, às vezes, muito grande, por parte de certos Alunos. Alguns ficam ressentidos. Com habilidade, conversas à parte, conseguimos verdadeiros colaboradores. Mas, se chamarmos asperamente a atenção de um menino, normalmente teremos nele um inimigo, que entrará aqui para fazer desordem, para trocar os livros dos seus lugares nas prateleiras ou nas estantes, para rabiscar tudo.

A CHAMA: Os Professores têm usado muito a Biblioteca?

Zeze: No momento, o trabalho da Biblioteca tem crescido bastante, com maior afluência tanto de Alunos quanto de Professores, o que é muito positivo. Vejo com satisfação que, hoje, os professores estão usando mais a Biblioteca. É importante esse intercâmbio Professor/Bibliotecário. Torna-se mais difícil, porém, o trabalho que vínhamos fazendo com os Alunos, de reflexão sobre o cuidado que devem ter com um patrimônio que é de todos.



SÍLVIA

Enfermeira

No setor onde atua Sílvia, às vezes, há sustos muito grandes com pequenas conseqüências.

Sílvia Regina Carvalho dos Santos, responsável pela Enfermaria, no São Vicente há 5 anos, nos conta que sua sala é bastante freqüentada pelos Alunos, que a ela recorrem geralmente com pequenos cortes ou com joelhos ralados.

A CHAMA: Aqui você se encarrega do atendimento de primeiros socorros. Em caso de acidentes mais graves, que providências são tomadas?

Sílvia: Em casos de acidentes mais graves, encaminhamos o Aluno para uma clínica que mantenha convênio com a URMES (Urgências Médico-Escolares), entidade assistencial conveniada conosco. O seguro coberto pela URMES garante assistência médica ao Aluno durante todo o período em que ele permaneça no Colégio e também uma hora antes de sua chegada e uma hora após sua saída do São Vicente.

A CHAMA: Seu setor, por sua própria destinação, é sério e, muitas vezes, preocupante. Nestes anos de trabalho aqui você se recorda de algum fato que fuja à rotina da fratura, do corte no dedo ou do joelho ralado?

Sílvia: Há algum tempo uma menina, com



autorização da Coordenadoria, saiu apressada para apanhar, no prédio vizinho ao Colégio, um short para Educação Física. Preocupada em regressar logo, ao sair do elevador desse edifício ela se chocou de cheio com uma porta de vidro, transformando-a num punhado de cacos. Por assim dizer, ela atravessou uma porta de vidro fechada. Mesmo assim, apavorada, com o rosto sangrando e chorando muito, ela chegou ao São Vicente. Pelo seu aspecto e nervosismo julgamos que o caso fosse grave. Felizmente, limpos os ferimentos e retirados os cacos presos à sua pele, verificamos que não havia maior gravidade. Pouco depois, abraçada à sua mãe, que atendeu logo ao nosso chamado, a menina se retirou bem mais calma e o que parecia um caso a inspirar cuidados não passou de um grande susto.

MIGDON

Coordenador Comunitário

A CHAMA: Quais as atribuições de um Coordenador Comunitário?

Migdon: Houve uma mudança no organograma do São Vicente. No lugar da chamada Coordenação Extraclasse, foi criada a Coordenação Comunitária. Com isto se quis dimensionar de modo diferente o âmbito da Coordenação de Atividades. A função básica da Coordenação Comunitária no São Vicente é facilitar a integração da Comunidade do Colégio São Vicente, entendendo-se por Comunidade o conjunto dinâmico de Professores, Funcionários, Pais, Alunos.

É papel da Coordenação a criação de espaços, o apoio às iniciativas, a harmonização de atividades, de preferência atuando a partir das sugestões e ações vindas dos vários setores. É bem verdade que há e haverá sempre um campo enorme a ser atingido, mas já se está fazendo um trabalho que vai aparecer no conjunto da atuação do Colégio.

A CHAMA: Há quanto tempo você exerce esta função?

Migdon: Estive no São Vicente de 1960 a 1971 e por esta época já fazia um trabalho de Coordenação. Voltei em 1983 e mais diretamente estou quase que



exclusivamente na área da Coordenação Comunitária.

A CHAMA: Seu trabalho modificou-se de alguma maneira ao longo dos anos? Em quê?

Migdon: Penso que se modificou bastante. No início, a Coordenação de Atividades se restringia quase exclusivamente ao "extraclasse" e ao que se relacionava com o Aluno. Posteriormente as atividades dos outros setores foram sendo objeto também de atenção. Hoje, a Coordenação Comunitária participa ativamente do planejamento global do próprio Colégio, baseada na convicção de que tudo que acontece numa Casa de Educação é importante para a formação global dos Alunos. Trata-se de manter bem equilibrados os aspectos informativo e formativo, ambos voltados para a pedagogia de formar "agentes de transformação social", num clima de liberdade, respeito aos valores, desenvolvimento pleno da pessoa humana.

MARLENE

Coordenadora de 1ª e 2ª séries

A CHAMA: Como você procura aplicar no seu trabalho a interação Família/Colégio?

Marlene: Nós entendemos Educação somente através da interação Família e Escola. Nos nossos planejamentos está sempre presente a preocupação com a participação da Família. Embora, muitas vezes, esta proposta não esteja explícita, a resposta indiscutivelmente vem enriquecida da contribuição de casa. Nas primeiras séries o toque familiar é indispensável e os Pais de nossos Alunos já estão habituados às nossas constantes solicitações. Nossos momentos juntos, Pais e Mestres, têm sido frutuosos e gratificantes. A frequência dos Responsáveis às nossas reuniões tem sido mais do que satisfatória. Neste ano, especialmente voltamos a insistir na presença dos Pais às festividades no Colégio. A Festa Junina foi um exemplo de integração. Pensamos ainda, para este ano de Jubileu, congratarmos-nos mais uma vez por ocasião da Manhã da Família, no dia 6 de outubro. Já estamos contando com a presença maciça dos Pais.

A CHAMA: De que forma o trabalho de entrosamento entre os Alunos é estimulado através de excursões?

Marlene: Só quem participa das excursões é que pode aquilatar o grau de entrosamento entre os Alunos e com os Professores. Os preparativos contribuem para uma aproximação maior. As tarefas são assumidas pelos grupos que se telefonam e trocam idéias para que tudo saia conforme seus planejamentos. Tudo é combinado, desde as brincadeiras e comes e bebes até as roupas que usarão. No dia, o ambiente informal e a descontração contribuem para o participar mais ativamente e o chegar-se mais intimamente. Nestes momentos de verbalização mais fácil, diz-se e ouve-se de tudo. Os Alunos se mostram plenamente. Os Professores acompanhantes têm a oportunidade de conhecer seus Alunos, observando-os por outra ótica, sempre achando que, embora exaustos, "valeu a pena"!

Os possíveis imprevistos, como atrasos, pequenos acidentes, perda de objetos, às vezes unem o pessoal de maneira muito significativa. Na maioria das vezes as Turmas voltam com desejo de "quero mais"!

O que as Turmas aproveitam, num dia, possivelmente não conseguem usufruir em uma semana dentro da sala de aula.

A CHAMA: Em que medida você se realiza como profissional através de atividades extraclasse?

Marlene: O profissional de Educação nas atividades extraclasse assume com os Alunos. Nós damos asas aos seus projetos criativos e vemos nestas atividades a

possibilidade de realizar o que dentro de sala de aula é impossível de ser feito. A linguagem do tempo, do vento, das pessoas, das cores tem uma força imensa e contribui fortemente no registro da aprendizagem. O Professor é Aluno também. Aluno da Vida que, com os Alunos, vai alcançar fora do ambiente escolar.

Como também sou profissional de Turismo, vejo a atividade extraclasse como uma oportunidade de ampliar os objetivos recreativos com os educacionais. As atividades ficam mais substanciais. O cunho dos planejamentos atinge maiores dimensões. Nas atividades extraclasse, unem-se as experiências dos Mestres e dos Agentes de Turismo. Cada qual contribui com sua parcela imprescindível. Como profissional de Turismo, sinto que posso contribuir com o muito que aprendi nos diversos cursos de aperfeiçoamento na Varig e na Belair. Embora tendo uma visão diferente, o Promotor, o Agente e o Elaborador de Programação têm muito a oferecer. Eles entendem de infra-estrutura organizacional. Dela fazem parte a segurança, os contactos, a prestação de serviços de apoio, transporte, etc..., até o oferecimento das diferentes propostas mais ou menos exigentes por preços mais condizentes com as possibilidades dos participantes.

Quando o profissional de Turismo arca com toda a parte técnica de apoio da excursão, o Professor pode desenvolver de maneira mais tranqüila cada etapa que propicia o alcance de seus objetivos educacionais.



TERESINA

Tesouraria

A CHAMA: Fale sobre o trabalho da tesouraria.

Teresina: O trabalho na Tesouraria é rotineiro: lançamento mensal das fichas financeiras de cada Aluno, pagamento de impostos, emissão de cheques, confecção de carnês de pagamentos, etc. Embora trabalhando há nove anos neste serviço de rotina, sinto um enorme prazer no meu trabalho, motivado pelo clima de abertura e camaradagem que existe no São Vicente.

A Administração não nos faz cobranças exageradas nem opressões, confiando na nossa capacidade de trabalho e respectiva responsabilidade. O diálogo é uma constante e temos respeitados os nossos direitos na medida em que cumprimos os nossos deveres.

NOÊMIA

Professora de Ciências

Na Cadeira de Ciências, a Criança não estuda descritivamente os fenômenos naturais. Na pesquisa que faz e no livro que ele mesmo elabora, o Aluno participa e se insere na Vida, que é dele, do colega, de todos nós.

Noêmia Bittencourt Cavalcante, Professora de Ciências da 1ª à 4ª série do 1º Grau, vem, desde agosto de 1980, participando de uma equipe que se preocupa em abordar a Ciência numa perspectiva humanista, opondo-se à massificação e à padronização, que esmagam e desfiguram o Homem.

A CHAMA: Conte para nós que novidade é essa de o próprio Aluno compor o seu livro.

Noêmia: O Aluno faz um relatório baseado em suas pesquisas, em suas constatações. Um livro prende e limita muito e há a cobrança por parte do Professor que, geralmente, também se limita ao livro, ficando o estudo restrito, condicionado. Nossa equipe, na 8ª série, adota um livro apenas como apoio. Nas primeiras séries não há livro. Nossos Alunos estão agora partindo para entrevistas com pessoas e visitando locais fora do Colégio.

A CHAMA: Esse procedimento tem dado bons resultados?

Noêmia: Eu venho acompanhando desde a 1ª série a turma que este ano faz a 5ª série, e noto que o seu aprendizado em Ciências vem-se desenvolvendo num processo, num encadeamento, como uma semente que vai crescendo aos poucos.

A CHAMA: Como vêm reagindo os Pais a esse tipo de trabalho?

Noêmia: Não temos recebido reclamações dos Pais. Os Alunos gostam muito.



CECÍLIA MARIA E PAULO VALENÇA

Ex-Alunos e Pais de Alunos

A CHAMA: Quais as recordações que você tem do Colégio?

Cecília: As recordações que tenho do São Vicente misturam-se em minha memória com as recordações que tenho de uma época do Rio de Janeiro — a época das festinhas de dança, dos conjuntos musicais formados por rapazes, e do intercâmbio entre os Grêmios dos Colégios Religiosos.

Meu marido, Paulo, tocava piano no conjunto do Colégio São Vicente. Após as apresentações, geralmente, dançava-se. Era toda uma atmosfera de alegria e descontração que me fazia gostar do Colégio, que me contagiava.

Havia também uma grande valorização da parte cultural: organizavam-se apresentações de peças de teatro, palestras, filmes, debates. O Aluno participava de tudo. Havia um intercâmbio muito grande com o Sion e com o Colégio Zaccaria. As quermesses do Sion eram famosas na época.

As amizades de meu marido permanecem até hoje; de vez em quando programam-se reuniões. Creio que isso acontece porque sempre se deu muito valor ao entrosamento nas turmas. Isso é importante para o adolescente. Os Professores contribuíram muito para se criar esse ambiente de amizade, já que tratavam os Alunos como seus amigos; não se consideravam superiores hierarquicamente.

EDNA

Professora da 1ª Série do 1º Grau

A CHAMA: Dentro da Filosofia Educacional do São Vicente, como você encara sua função de Professora?

Edna: Vejo minha profissão como algo além de Professora, transmissora de conhecimentos. Faço isso porque gosto e procuro ser um pouco mãe, um pouco irmã, um pouco amiga de meus Alunos. Procuro ser um pouco criança também, para me comunicar melhor com eles.

O Colégio pretende formar agentes de transformação social. Isso deve ser trabalhado desde cedo. Como? Pela prática do amor e da fraternidade no dia-a-dia, mobilizando as crianças para a participação, cooperação, diálogo, justiça, amizade e respeito.



RONALDO MAGALLON

Departamento de Pessoal

Para Ronaldo, que leva muito a sério o seu trabalho, que, por natureza, também é sério, poucos fatos ocorrem, além dos habituais.

Ronaldo Magallon, responsável pelo Departamento de Pessoal, veio para o São Vicente em janeiro de 1977. Seu Departamento, muito calmo, trata das garantias trabalhistas dos Funcionários e Professores.

A CHAMA: Aproveitando o ensejo, já que você nos disse que o seu trabalho aqui quase não se altera, para quebrar um pouco essa rotina, conte para nós no que consiste sem trabalho.

Ronaldo: Nosso setor cuida de todos os Funcionários e Professores com respeito à admissão, demissão, folha de pagamento, controle de INPS, Fundo de Garantia, enfim, a tudo o que se refere a essa parte ligada à Administração do Colégio.

A CHAMA: Esse setor é muito ou pouco visitado?

Ronaldo: Aqui as pessoas vêm para tratar de assuntos ligados ao seu interesse quanto à legalização do seu trabalho no Colégio e, por isso, é um setor um pouco fechado. Não há ensejo para maior abertura. Às vezes, nos tornamos antipáticos, porque controlamos os horários de entrada e saída do pessoal, suas faltas, seus atrasos. É um departamento ingrato.



TEDESCO

Ex-Professor e Coordenador

A CHAMA: O trabalho que o senhor está realizando agora em Recife é semelhante ao que fazia no S. Vicente?

Tedesco: Eu passei pelo S. Vicente e o S. Vicente passa ainda pela minha vida. Não foi uma passagem apenas profissional de serviços prestados, como num mercado de trabalho.

Minha relação com o São Vicente foi uma relação, digamos assim, pessoal. Um compromisso afetivo, de consciência, de amor à obra. Uma espécie de identificação.

Trabalhei 17 anos no São Vicente. Em 64, embarquei num Colégio preferentemente acadêmico. Ao longo da travessia, à base do método "ação-reflexão crítica", invertemos a ordem das prioridades, assim sintetizada: a promoção humana precede à promoção acadêmica. Ensinar, passou, assim, a ser um dos elementos de humanização. E humanização, aqui, significa libertação.

Medellín e depois Puebla se tornaram as constantes teóricas de nossa reflexão.

Quando, em 1981, decidi sair do Rio, sabia que a saída do São Vicente representaria para mim uma espécie de terremoto, de transferência orbital. Não transferi, porém, minha identidade, minhas crenças, minha consciência de educador, meu aprendizado vicentino.

Aqui no Recife, permaneci fiel a minha visão educativa de ontem, à metodologia de trabalho, aplicada à nova realidade nordestina e respeitando o ritmo próprio da nova comunidade educativa.

Posso assim afirmar, em linhas gerais, que a fisionomia do meu agir educativo é semelhante à do S. Vicente. De outra forma, negar-me-ia a mim mesmo.

A CHAMA: Tem encontrado boa receptividade por parte dos Alunos, dos Pais e de outras pessoas que constituem a comunidade educativa em que o senhor trabalha atualmente?



Tedesco: Meu trabalho se desenvolve numa Comunidade Educativa Marista, Comunidade de Igreja. E, como tal, por ela passaram os ventos renovadores e primaveris do Vaticano II, cujos marcos educativos mais explícitos são Medellín e Puebla.

Sempre que se trabalha na linha da consciência crítica, da abertura criativa, da liberdade e da participação efetiva, os Alunos respondem positivamente.

A via da opressão, sob qualquer pretexto ou disfarce, sofrerá resistência ou rejeição...

— Do lado dos Pais, como acontece em qualquer parte, o caminho da integração é mais longo e lento. Como todo adulto, temem as mudanças. Com eles, a metodologia do nosso pernambucano Paulo Freire é usada com ênfase maior no anúncio do que na denúncia, como estratégia de saída.

Aqui no Marista, um Movimento de Pais já se organizou. E sentimos a simpatia da maioria pela prática desenvolvida por nossa Comunidade.

Como leigo, dirigindo o Colégio Marista do Recife, se constitui numa experiência pioneira, uma história nova. Após um ano nesta função percebo, por parte da Comunidade, uma expressiva unidade e mobilização em torno das grandes linhas que norteiam nossa caminhada.

Sinto crescente a dimensão educativa no dia-a-dia escolar, graças a uma linha de trabalho presidida por metas claras e sempre explicitadas, sujeitas à reflexão e ao debate democrático.

Esta Comunidade é complexa em seus ritmos individuais, consciente das contradições teoria-prática, porém convergente na consciência de suas finalidades.

JOÃO PAULO

Inspetor

A CHAMA: Dizem que ser Inspetor no São Vicente é uma "barra". O que é que vocês fazem?

João Paulo: O Serviço de Orientação Disciplinar (S.O.D) tem como objetivo "a educação para a liberdade e a responsabilidade, através do diálogo".

Este processo é desenvolvido com trabalho, união, respeito, liberdade e responsabilidade. Nessa direção se encaminha a ótica da educação libertadora.

Minha função dentro do S.O.D. não é a de um policial. Sou responsável pela disciplina da 1ª à 5ª Série e os Alunos me vêm muito mais como companheiro, como um "amigo", do que como aquele que inspira medo.

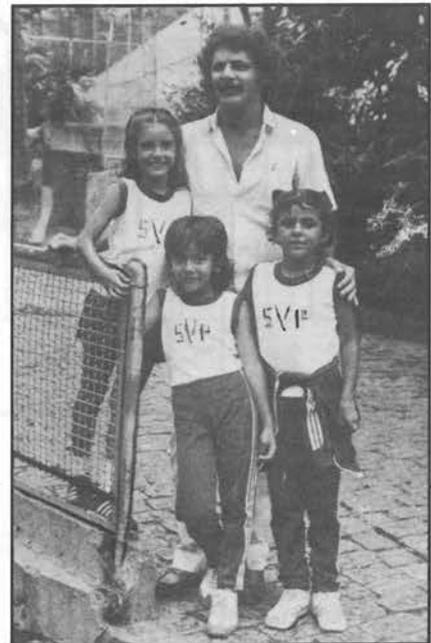
Sirvo também como ponto de apoio, caso, por exemplo, um Aluno seja agredido por um Colega. Sou, a bem dizer, um símbolo de segurança.

Faz quatorze anos que trabalho nesta função; sou também Professor do Supletivo, no 1º Grau.

Caso algum Aluno necessite de uma ajuda maior, cabe-me encaminhá-lo ao Serviço de Orientação Educacional (S.O.E.), para que este, num trabalho conjunto com os Pais, procure entendê-lo e auxiliá-lo.

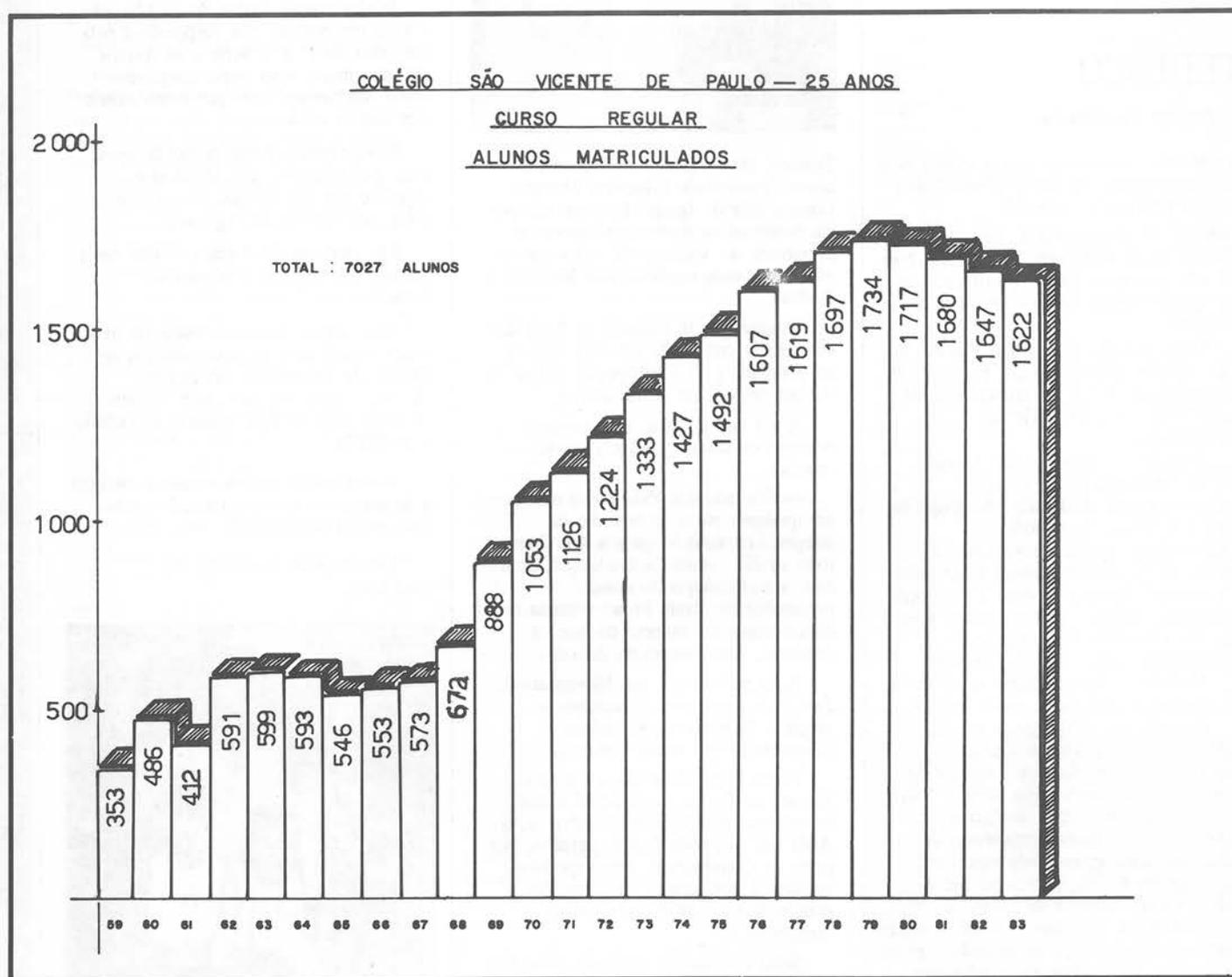
Assim sendo, minha função é também a de captar os que precisam de ajuda. Isso requer sensibilidade, tato, jeito.

Um Inspetor é também um psicólogo...



O SÃO VICENTE EM ALGUNS DOS SEUS NÚMEROS

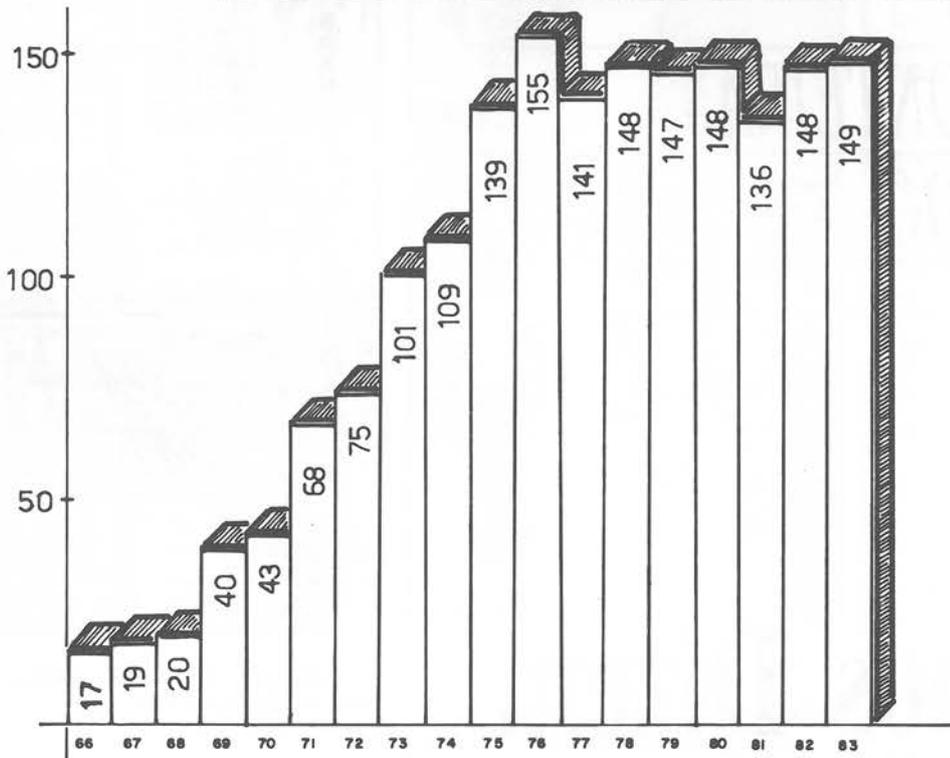
■ Da matrícula inicial às atuais, nota-se o crescimento do São Vicente, até preencher todos os seus espaços. O número ideal de Alunos é certamente menor que o total atingido em 1979. As duas razões das curvas do gráfico foram a extinção do semi-internato (1973) e a matrícula também de Alunas (1968).



● Os três gráficos, elaborados pelo Secretário, Padre Francisco Guerra, foram desenhados por Luiz Gonzaga Oswald

■ O Supletivo de 1º Grau (noturno) é de fundação mais recente e tem uma oscilação maior no total das matrículas. Nosso sonho é ter um 2º Grau também para os Alunos adultos e pobres.

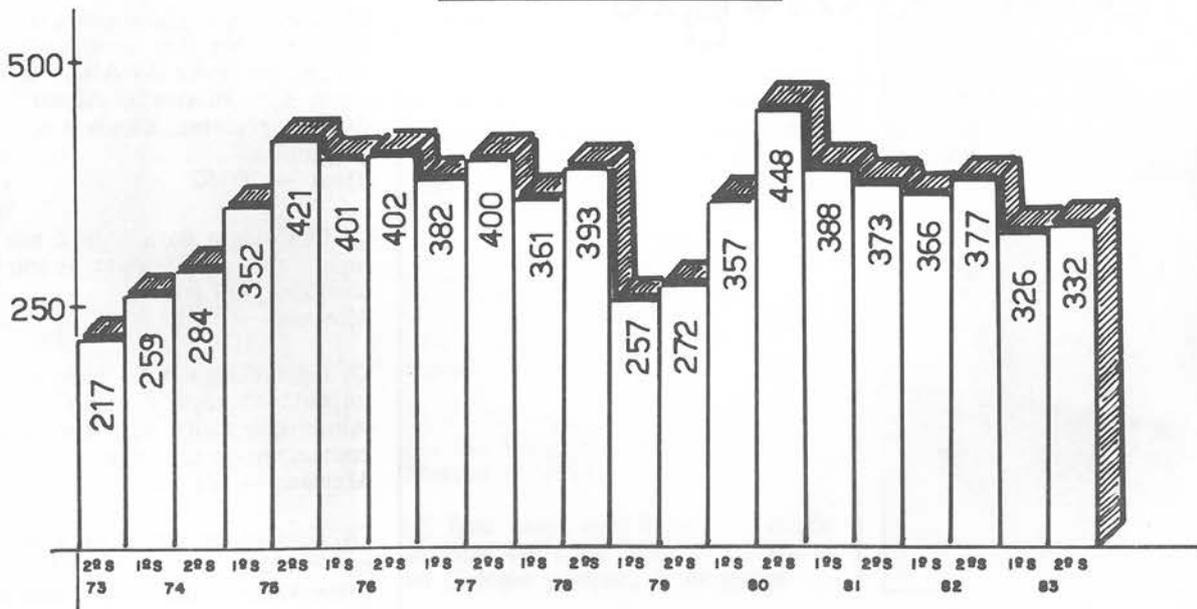
COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO — 25 ANOS
 CONCLUINTE DA 3ª SÉRIE DO 2º GRAU
 PORCENTAGEM MÉDIA DE APROVAÇÃO EM VESTIBULAR: 90,1%



■ O término do 2º Grau representa a passagem para a Universidade. Das primeiras turmas, de poucos Alunos, às mais recentes, colheu-se sempre um bom resultado na aprovação nos Vestibulares, como fruto de um trabalho bem feito, ao longo do 1º e do 2º Graus.

COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO — 25 ANOS

CURSO SUPLETIVO
 ALUNOS MATRICULADOS



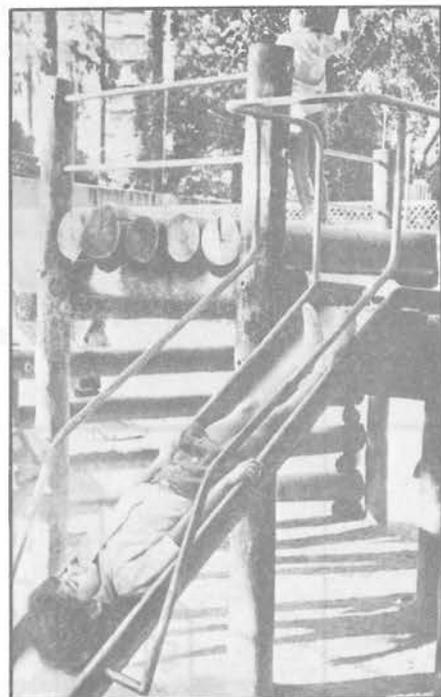
UM COLÉGIO

QUE FAZ FRONTEIRAS

COM O MUNDO

(MARCOS, T. 42)

Os Alunos Dizem o que Sentem do Seu Colégio



São Vicente, portas abertas para o novo mundo
Pedro — T: 42

Meu Colégio não é como os outros Colégios, que nem se pode virar a cabeça para trás que fica de castigo.
Laura — T: 32

Eu me sinto livre como um pássaro.
Andréa Cristina — T: 52

O São Vicente é um Colégio diferente, ele tem uma proposta liberal, ao invés do Aluno sentar, ouvir e ir embora, o Aluno discute, reclama, elogia e sai satisfeito.
Tiago — T: 52

O Colégio para mim é um lugar onde posso jogar as minhas tristezas para fora.
Marcela — T: 53

Eu me sinto uma pessoa importante neste Colégio, uma Aluna que todos se preocupam com a minha felicidade.
Mariana — T: 52

Tem várias coisas no Colégio que podem continuar sendo preservadas: uma árvore que tem

lá no parque, o respeito que há entre alguns Alunos.

Alessandra — T: 52

Sou como uma nuvem passeando pelo Colégio e pelo mundo.

Alessandra — T: 51

Eu gosto do Colégio também porque ele tem amarelinha

Cristine — T: 11

O nosso Colégio é legal porque os Professores não são aquelas estátuas que qualquer coisinha vai pra fora de sala.

Elisa — T: 52

Eu acho que uma coisa que deve ser preservada é o jeito e carinho em que todos nos recebem, não só como Alunos, mas como pessoas que têm opiniões e pontos-de-vista.

Samanta — T: 52

Quando eu vou beber água no bebedor do recreio eu me molho toda.

Carolina — T:11

Até a quarta série eu era o sabe-tudo, depois eu passei a ser o mais burro.

André Tarciso — T:61



A minha experiência de vida com o São Vicente é legal. Quando eu entrei no Colégio achei pessoas meio desanimadas, sem saco. Mas depois o clima foi melhorando até que ficou chocante.

Fernanda — T:61

Colégio São Vicente, de portas abertas para a liberdade.

Fabrício — T:42

Gosto muito dele, é meu mundo, minha vida.

Daniela — T:62

Pra falar a verdade ele é um monte de amigos e é uma casa em que convivemos e aprendemos em comunidade. Eu gosto do "São Viça".

Pedro — T: 62

Eu gosto do meu Colégio porque a gente tem que levar lanche para comer senão a nossa barriga não cresce.

Brunno — T:11

O São Vicente é um Colégio que faz fronteiras com o mundo.

Marcos — T:42

Tem vezes que dá uma vontade de ficar em casa. Mas, é preciso ir ao Colégio porque, se ninguém

fosse, as pessoas iam ficar burras e o mundo não seria mundo, porque ninguém iria trabalhar e não haveria dinheiro, nem comida, nem plantas e nem pessoas.

Márcia — T:62

Sempre estudei em Colégios repressores. Entrei aqui me senti livre, minha cabeça mudou pra melhor, descobri que é fácil transformar tristezas em alegrias.

Carlos Eduardo — T: 62

Eu não furo fila não, quem é apressado e quer passar a frente eu falo que apressado come cru. Pois eu não como cru não.

Marcos — T: 11

A educação libertadora é legal te libertando das coisas ruins e ajudando a construir um mundo melhor porque ensinando para nós é igual a preparar o futuro livre, bonito e alegre. Ensinando para nós é o futuro porque nós somos o futuro.

Pedro — T: 54

Tantas aventuras, tantos acontecimentos marcantes. Me lembro quando entrei não conhecia ninguém, sentia a maior vergonha quando de mim falavam. Agora passou, hoje estou aqui entre





grandes amigos de bola, de conversa, de bagunça.
Fernando — T: 62

Um lugar onde a vida é diferente e onde o mundo é aberto para mim. No meu colégio eu vivo como um pássaro, no qual vou bem alto à procura de mais amigos. Um pássaro que tem o mundo aberto aos seus pés.
Georgiana — T: 61

É um lugar onde se arranja garotas bonitas e onde sempre estou sem grana.
Luís Antonio — T: 41

Para mim o São Vicente é um bom Colégio. Só acho ser uma pena ter que esquecer a antiga "fessora" e pensar no futuro. Mas, é tempo de renovar. O Minigrêmio é uma ótima idéia, pois os Alunos têm a chance de participar de um grupo que discute problemas e sugere soluções.
Heloísa — T: 41

Nós votamos para o Minigrêmio e, mais tarde, votaremos para o Grêmio, e eu acho isso o maior barato porque assim aprendemos a ser democráticos.
Ana Paula — T: 41

Lá no recreio a brincadeira que eu mais gosto é de entrar no clubinho dos meninos, escondida.
Janaina — T: 15

A Tia de música faz muitas brincadeiras como o lobo e pinto, indiozinho e mais outras.
Ricardo — T: 15

Quero ser bondosa igual a São Vicente.
Patrícia Alvarenga — T: 14

Eu também gosto de correr do tio João Paulo.
Felipe Canedo — T: 14

Eu vou ficar neste Colégio até o fim.

Eu acho que esse é um Colégio muito bom. Ele tem que continuar assim e cada vez melhorar.

Eu não me arrependo de ter vindo estudar aqui.

Ele tem liberdade.

Ele sustenta os Padres e os Pobres.

O meu Colégio tem 25 anos de ótimo ensino.

Meu Colégio é bom demais para mim porque eu estudo e aprendo muitas coisas.

A coisa que eu mais gosto de fazer no Colégio é recreação e artes.



Eu não vou querer sair do meu Colégio tão cedo.

Os inspetores são legais e nos ajudam quando é preciso.

... eu gosto dos inspetores, dos padres, das professoras, dos meus colegas. Eu gosto de todo mundo do meu Colégio.

O meu Colégio é o maior barato.

O meu Colégio por fora eu acho feio, mas por dentro é lindo.

Turma: 21

Eu gosto muito do meu Colégio; eu te amo, pena que você não é gente.

Felipe Belford — T: 13

O São Vicente é como uma pedra; é duro e muito forte.

Fabiano — T: 63

Estudar em qualquer Colégio, para mim, significa se integrar na sociedade; estudar no São Vicente está significando, além de se integrar na sociedade, opinar, discutir, argumentar e aprender a conviver.

Paulo Bernardo — T: 63

Entrei nesse Colégio há um ano atrás, por causa do ensino, do pessoal e de tudo mais. No começo me achava estranha, o pessoal me chamava de "nova",

não conhecia as pessoas, então resolvi abrir os olhos e fazer amizade, me misturar com as pessoas, e deu certo. Logo me chamavam de "velha", conhecia todo o mundo e não me achava mais estranha.

Gabriela Trindade — T: 63

Uma escola não é só um local de aprender as matérias, mas de aprender a viver.

Flávio — T: 63

Às vezes eu fico imaginando como eu estaria agora se estudasse em outro Colégio; eu seria eu?

Cláudia — T: 64

É um Colégio pelo qual nós aprendemos ou devíamos aprender a ser agentes de transformação, para melhorar esse mundo que anda sem comunicação, amizade.

Bruno Lourenço — T: 64

A Educação Libertadora aqui aplicada conseguiu que eu tivesse as minhas próprias idéias, o meu ponto de vista, isso não quer dizer que ele me ensinou a ser obstinada e sim a formar as minhas próprias opiniões sobre diversos assuntos.

Gabriela Vieira — T: 65

Gostaria de felicitar o São



Vicente pela atenção que tem dado às pessoas mais pobres.

Daniela Peres — T: 65

O Colégio São Vicente me ensinou uma coisa. Que existem pessoas que pensam diferente e que tenho que aceitar elas como são e não como eu gostaria que elas fossem.

Gabriela Andrade — T: 65

O Colégio São Vicente me ensinou a ter disciplina, estudar, respeitar o outro e não ver o pobre marginalizado na sociedade.

Roberta Amaral — T: 65

Outra coisa que também aprendi de muito útil aqui, foi lutar pelos meus direitos, opiniões e coisas do gênero, pois um dos ideais do Colégio é que o aluno tem todo o direito de se expressar.

O Colégio tem vários tempos para brincar e se divertir. Esse Colégio ensina bem as coisas para os Alunos todos terem chance de falar o que querem com as Tias. Só que dá pouco dever para casa, não é que eu não goste, aliás eu vou perguntar a Tia por quê?

Eu gosto também daqui porque meu pai trabalha aqui no quinto andar.

Eu gosto muito do São Vicente pois além de estudar e brincar eu

assisto filmes e teatros. Depois a gente tem que dar sempre a opinião e descobrir a mensagem.

Eu toda a vida gostei do Colégio São Vicente agora gosto mais ainda pois fiquei sabendo que o São Vicente foi um padre muito bom e legal e que achava saídas para tudo. Eu aprendi muitas coisas boas nele.

O Colégio onde eu estudo é o melhor que eu já vi. Ele também tem elevador, escada, duas salas de artes e um monte de sala de aula. A minha Tia é a melhor Tia porque ela gosta de todo mundo. A gente aprendeu a ensinar aos colegas e a não falar quando o colega está falando.

O São Vicente é um lugar tão bom que eu teria "coragem" de ficar nele o dia inteiro e até sair por aí dando gritos assim: "É São Vicente! — É São Vicente!"

O laboratório do Colégio é a aula que eu mais presto a atenção. Lá eu olho tudo e depois é só escrever o que eu aprendi.

O Colégio é chatinho. Ele não é muito importante para mim. Ele não ensina nada, a gente é que tem que descobrir tudo. A Tia não explica, eu é que explico tudo e quando não entendo o grupo é que me ensina. É fogo a gente ter



que pesquisar tudo. Eu só gosto do recreio.

Turma: 23

Eu também gostei do jeito que os Funcionários do Colégio estão colaborando com a nossa educação. Então eu acho que pra mim esse Colégio é nota 10.

Renata Avramesco — T: 24

São Vicente era um homem que gostava de ajudar as pessoas. Minha turma fez uma homenagem a ele. Nós fizemos uma sopa de legumes, eu levei a batata inglesa.

O que sobrou o Colégio deu para os necessitados.

Beatriz Bihari — T: 24

O que eu sinto por meu Colégio. Bem... eu sinto muitas coisas, eu sinto um amor desse Colégio, por dentro, é um negócio que não dá para explicar.

Às vezes eu rezo assim:

Obrigado por ter feito este Colégio, obrigado por ele ser tão bom assim. Obrigado, obrigado mesmo São Vicente de Paulo.

Mas às vezes eu falo pra si mesmo: Esses alunos são maluquinhos mesmo, mas pelo outro lado eles são mesmo amigos.

Luiz Felipe P. de Azevedo — T: 24



Eu tive e ainda tenho muitas amigas e "chapas". Eu e um montão de crianças gostamos deste Colégio. Aliás todo mundo acha, até o ginásio!!

É um "baratão" este Colégio!
Cristiana C. A. Pinho — T: 24

"Quando cheguei em casa depois da convivência falei para mamãe: — Gostei do Colégio, posso ficar".

Turma 12

Eu adoro o túnel secreto e as duas capelinhas também.

Maria Cecília — T:12

No meu Colégio os alunos têm direito de falar, têm direito da palavra. Por exemplo: uma pessoa com uma educação rígida quando for adulta vai ser uma pessoa não liberta, não vai aproveitar a vida, só vai pensar em trabalhar, no entanto, não vai se divertir, vai ser como um carro sem gasolina, vai ser sempre o mesmo carro, nunca vai mudar e vai ficar parada até morrer, e não uma pessoa liberta, uma pessoa com bastante gasolina, uma pessoa que evolui muito.

Roberto Rio Branco — T:53

Eu não sei muito bem o que sinto deste Colégio. Para mim o



Colégio São Vicente de Paulo é um grande mutirão que está sempre unido com novas idéias, trabalhos, luz, etc.

Mas, o mutirão do Colégio São Vicente de Paulo é feito só pelos Alunos? Não, o mutirão do Colégio São Vicente de Paulo é feito também pelos Professores, Coordenadores, Diretores, Inspetores, etc. Em resumo, o mutirão do Colégio São Vicente de Paulo é feito por todos para um Colégio melhor.

Bernardo — T:41

Eu adoro o S. Vicente Acho ele um dos raros colégios Que são para frente

Ele nos ensina de uma maneira libertadora que é boa, boa S. Vicente meu amor que me ampara nas horas de dor Não é puxa-saquismo não.

O S. Vicente para mim é um amor sem fim

Mariana Massena — T: 43

O Colégio São Vicente de Paulo que faz 25 anos é um dos melhores Colégios cariocas, tem o estudo bom. É a pessoa que entre como um não sabe nada, sai como um dos mais inteligentes do Rio.

Nosso querido Colégio fundado no dia 27 de setembro, não é velho, ele ainda é como jovem, porque seu coração somos nós os Alunos, ele tem a mente de criança.

Seu ano de fundação foi 1959.

Este é o jovem, o nosso Colégio de Cérebros!

O nosso arco-íris infantil.

Juliana Jardim C. de Araújo — T: 42

Talvez a idade que hoje tenho, 10 anos, seja mais fácil para a gente chegar a concluir realmente o que o Colégio é. Mas, mesmo assim, não chega a ser tudo, aos 11, 12, 13, 14, 15... e assim por diante, tudo vai se mudando.

Depois disso tudo que falei, apesar das críticas, defeitos e dúvidas, elimináveis ou não, chego, na minha idade de hoje, à conclusão, que este Colégio, com seus 25 anos, precisa de um Parabéns pelo seus anos e ainda mais conclusões: Este Colégio me mostrou a vida, que é para ser vivida, com mudanças em geral, e defeitos também, (apesar de não serem agradáveis). Em fim o Colégio me mostrou: O que é a vida!!

Ana M. Oliveira — T: 42

Prá falar a verdade, caros



amigos, considero o São Vicente como a minha casa.

Quando sou convidado para ir nas casas de meus colegas, sempre venho jogar bola no São Vicente.

Eu gosto do São Vicente não só por causa do campo de futebol ou então por causa das bonitas garotas da sala. Mas sim por causa das minhas queridas Professoras. Na 1ª série, peguei Maria Helena, que Professora! Na 2ª série, Alice, uma Professora rígida, mas legal e brincalhona. Na 3ª, Verly uma Professora legal ótima (como nas gírias: Maneira). E agora na 4ª estou vivendo uma ótima fase, Kedma é TETRA LEGAL. TRI-MORREU O BRASIL, Kedma é TETRA.

Em geral o São Vicente é um Colégio ótimo. Eu gosto do Juca, um cara brincalhão prá dedel.

Mira, a Professora de música, legal.

Marlene, muito legal (principalmente suas histórias).

O São Vicente é um Colégio grande e não tenho nada contra ele. Minha honra é estudar no S.V.P.

Minha turma é legal, gosto de todas as pessoas que estudam nela e fora dela.

Meu nome é Marcos, estudo na turma 42 e sou feliz.

Marcos Coutinho — T: 42



ESTAS CRIANÇAS!

TÃO gostoso isto que vocês acabaram de ler, não é? Lendo e relendo estas páginas, quando ainda eram a letra das Crianças, depois revendo as laudas datilografadas, depois as provas da Gráfica, eu me senti, todas as vezes, como me sinto quando encontro esses Meninos e Meninas, descendo a escada para o pátio ou voltando da aula de música ou do jogo de futebol: Meu gosto maior é ir dizendo "oi" para cada um, e rindo alegre para eles que me fazem feliz, ou, então, quando vou pondo a mão na cabecinha de cada um, e os que vêm vindo atrás logo vão inclinandinho a cabeça para eu os acariciar e abençoar também. Leio e releio estas frases revendo a cara alegre de cada um, desde a Carolina, da Turma 11 (1ª série), que vai beber água no bebedor e se molha toda, até o Flávio, da Turma 63 (6ª série), que já sabe que a Escola não é só para aprender as matérias, mas para aprender a viver!

No fim destas páginas, esta minha palavra do encantamento e este gosto!

**Pe. Lauro Palú,
Diretor**



ILUMINURAS PARA O NATAL

E um cacto pequenininho, umas bolinhas, cheias de espinhos finos, uma impressão de agressividade pura. No seu vaso, quase só areia, um pouco de terra que se resseca rápida, na janela. Água, uma vez por semana.

Mas, uma vez por ano, é o milagre! Entre os espinhos, começa a encorpar-se um calombinho, um pequenino sinal, e de repente aponta uma cabecinha branca, uma sedazinha transparente, uma cápsula que cresce, afastando os espinhos, e se avoluma e cresce, e hoje se abriu em flor!

Trinta e poucas pétalas brancas, translúcidas, um ninho de organdi e arminho, um coraçãozinho delicado, e ali, no centro, os estames e pistilos de ouro vivo e precioso, guardados por aquelas mãozinhas solícitas de seda e luz!

E dura um dia só o nítido milagre! E quantas vezes terá florescido sem ter sido visto por um único olho...

O Natal é bem isto!

Bem diferentes são as duas grandes cássias no pátio dos Alunos. Enormes, de galhos grandes como árvores, troncos cobertos de bromélias e minúsculos cactos com samambaias selvagens amaciando as cascas enrugadas, onde vêm os pássaros e as borboletas, onde os besouros brilham seu vôo cheio de curvas e as taturanas sobem minuciosas e ameaçadoras, até o dia em que viram borboletas de alma de vento e gosto de flor.

A sombra farta das árvores, o ano inteiro, até setembro. Depois, a algum vento mais frio, mais forte, as folhas voam, milhares, na sua

última dança e fuga. E contra o céu de outubro, de azul uniforme e quente, as árvores secas estendem o emaranhado dos galhos, dos ramos, das varas, dos pauzinhos ressequidos.

Há um longo silêncio, feito de raízes e ventos, de lua e chuvas, de vôos e pousos, de asas e gritos. E, como se atendessem a um chamado, todos juntos os galhinhos começam a brotar. E pequeninos botões afloram na casca preta e dura, urgidos de dentro pela vida, pela seiva, pela luz, pelas cores. É a flor que evém!

Em toda a extensão dos galhos, sem falhar uma só, vão se abrindo, num vôo feito de ritmo e graça. E nem acabaram ainda de abotoar, já se abrem, se acumulam, pesam os galhos, e se atropelam, se empurram com as folhas que já vêm brotando também. E o vento nunca é tão leve e tão feliz, a paisagem nunca girou tão rápida, azul ou nuvens. Cada botãozinho e cada flor com sua abelha de ouro, um menino para cada menininha, os besouros verdes e vermelhos de antenas longas, as borboletas loucas.

Natal também é isto, igualzinho, você já sentiu em seu coração. Estes dois desenhos, nas suas mãos, nosso cartão de Natal, com os bons votos do Colégio São Vicente de Paulo, as bênçãos do Menino Jesus, as promessas do ano novo e minha assinatura embaixo, bem amigo.

Pe. Lauro Palú, Diretor.